

DOCUMENTOS

Revista Brasileira de Educação: múltiplos olhares sobre sua história

No caminhar de volta, o renovar de forças
para seguir em frente

LUCÍDIO BIANCHETTI

Universidade Federal de Santa Catarina

O passado é prólogo.

SHAKESPEARE, s.d., p. 44,

Não quero uma revista da educação.

Quero a melhor revista na área de educação

para ser a Revista da ANPEd.

Ferraro, 2005 *apud* MIRANDA *et al.*, 2007, p. 23.

PALAVRAS INICIAIS SOBRE PROCESSOS E PERSONAGENS DA RBE

Quantos nominados,

quantos anônimos estão na gênese,

criação, afirmação e consolidação da RBE?

(Questão do entrevistador aos depoentes)

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), passados 17 anos da sua fundação (1978) e de atuação em muitas frentes, decidiu contar com a *sua* revista. A *Revista Brasileira de Educação (RBE)* número zero foi lançada na 18ª Reunião Anual (RA) da associação, em outubro de 1995. Neste ano de 2012, está sendo lançado seu quinquagésimo número. São 50 números em 17 anos. Episódios marcantes, decisões, avanços, recuos e muitas conquistas pontilham

essa história coletiva que, concomitantemente, guarda aspectos a serem vistos ou revistos, análises a serem feitas ou refeitas, e novos desafios a serem enfrentados.

Os dois números dos extremos, no entanto, não devem ser apreendidos como pontos de partida e de chegada da *RBE*. Eles são as manifestações visíveis de uma trajetória, de um movimento que se iniciou muito antes do número inaugural. Foi pelo trabalho coletivo que a *RBE* veio se qualificando e possibilitando o descortinar de uma continuidade cada vez mais profissionalizada, do ponto de vista editorial, e promissora naquilo que caracteriza o seu desafio: ser o meio, por excelência, de publicização da produção intelectual da ANPEd e daqueles que a elegerem para esse desiderato. E, com isso, soma-se a outros meios visando contribuir para a superação dos gargalos que inibem a expansão qualitativa da educação brasileira, radicalizando na qualidade dessa educação para todos.

A qualificação e a vitalidade da revista – expressas em sua visibilidade e capilaridade – pretendem ser sua marca registrada. Certamente, a maioria dos anpedianos e aqueles que, não o sendo, têm acesso à *RBE*, ao contemplar esta última produção da coleção, já composta de 50 números, verão uma revista consolidada. É provável que não lhes ocorra – a não ser fustigados/as por uma demanda – perguntarem-se sobre o processo, a gênese, a constituição, a expansão e a afirmação de um periódico que se inicia formalmente em 1995, com o número zero, e que chega ao número 50 classificado pelo Qualis¹ como A1 internacional.

Veja-se, por exemplo, a manifestação de Maria Malta Campos (2012), em entrevista concedida em abril do corrente ano, referindo-se aos contratemplos para a produção do número zero da *RBE* e dos seguintes:

A gente já estava com o prazo estourado e isso pega muito mal [...], não só para quem está financiando como também para o próprio perfil da revista. [Como os originais haviam sido enviados para uma editora...]. Aí nós tivemos que trazer de volta todo o material para a Editora 34, para conseguir sair aquele número. Foi um “Deus nos acuda!” Sabe o que é eu, o Sérgio Haddad e a Marília Sposito dividirmos aquele monte de papel? “Esse fim de semana você revê isso daqui; esse fim de semana eu revejo isso, para a gente conseguir que saia o número”. Hoje, quando você vê aquele número bacana e superinteressante, *you não sabe o sofrimento que foi*. (Ênfase da entrevistada)

1 Conforme está no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): “Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender às necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção”. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em: 12 maio 2012.

A despeito do formalismo dessas classificações do Qualis, não se pode deixar de considerar o histórico que chega a esse somatório de números da revista. Muito antes do reconhecimento oficial, deve prevalecer a percepção de uma história rica, de visionários das primeiras iniciativas nessa direção. O projeto continha uma rota de ascensão qualitativa projetada a fim de alcançar esse acumulado denso, qualificado, de 50 números. O reconhecimento oficial é importante e necessário até mesmo, quando se pensa na infraestrutura, nas condições para manter esse canal de comunicação aberto e no impacto daquilo que é produzido e veiculado.

Ao olhar para os 50 números impressos ou ao acessá-los, em sua maioria no espaço virtual,² estamos sendo desafiados a transformá-los em uma espécie de *link*, que, ao ser clicado, permite a visualização de um rico e dinâmico *hipertexto*. Porém, paralelamente, a luta para a qualificação do periódico contou com o empenho de muitas pessoas cujo esforço foi decisivo para a concretização da *RBE*.³ Ela não é, portanto, um produto acabado e nem o resultado do trabalho de uma ou de algumas pessoas. É, insistindo, um processo que conta com instigantes precedentes registrados nos excertos das entrevistas, dos depoimentos e análises que se seguem. Trata-se de uma *práxis* muito rica para garantir sua criação, afirmação e expansão, e com um horizonte de desafios e expectativas visando garantir a sua continuidade em periodicidade e radicalização quanto à vigilância para sua constante qualificação.

De outra parte, esse processo teve o apoio de um coletivo que acreditou e acredita na imprescindibilidade da *RBE*, em que pessoas, cada vez mais, continuam fazendo dela uma das faces mais visíveis da associação, no desafio à produção, à conservação e à veiculação da produção intelectual do coletivo ANPEd.

Quantos anônimos, quantos nominados, quantos reconhecidos, quantos olvidados estão na base, na construção e na manutenção desta revista. A memória histórica impõe ler e ouvir o que está nas entrelinhas desses depoimentos para que se tenha uma visão mais completa dessa história tecida a tantas mãos.

Foi com essa perspectiva que se partiu para a realização das entrevistas, para a busca de depoimentos e para a (re)leitura de documentos. Motivados pela “conquista” dos 50 números da *RBE*, verificou-se a necessidade de ultrapassar o imediatamente visível, de fazer falar os silêncios, de tornar presentes as ausências, que somente emergem quando se interroga a respeito do processo que gerou um produto reconhecido pelos pares e oficialmente qualificado. Conforme Ferraro e Sposito (2007, p. 15): “Tratar do passado não é simples, pois a memória é seletiva, filtra e focaliza o nosso olhar [...]. A memória não é neutra”.

2 O acesso aberto recebeu impulso decisivo com a crescente indexação da *RBE*, particularmente com sua vinculação à Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc), a partir de 2003, e incorporação ao Scientific Electronic Library Online (SciELO), no ano de 2005.

3 Conforme frase final do Editorial da *RBE* (n. 0, p. 3, out. 1995), “O empenho e o compromisso de todos poderão tornar esta, efetivamente, a *Revista Brasileira de Educação*” (grifo nosso).

Frigotto⁴ (2012), em seu depoimento, agrega outros elementos a essa reflexão:

A natureza de um depoimento sobre um determinado fato, circunstância ou evento histórico, quanto mais se afasta no tempo, nem sempre retém com justeza particularidades que às vezes foram fundamentais. Também quem dá o depoimento não mais o faz com o olhar imediato de tal fato ou evento e nem com o mesmo acúmulo intelectual e existencial. O tempo, entretanto, não altera os fatos ocorridos. O desafio é que as análises não os deturpem.

Teve-se presente esse caráter seletivo das lembranças, entendendo como tais tanto as perguntas que foram feitas quanto suas respectivas respostas. É isso que se deve fazer entender: que o aqui registrado representa *alguns* olhares. Certamente outros registros representarão *outros* ou *diferentes* olhares, acrescentando elementos e reflexões na direção da permanente preocupação com o processo, com a busca da totalidade. É Frigotto mais uma vez (2012) quem reforça o já dito:

Por certo, [os depoimentos] não só demarcarão possíveis olhares diferenciados, mas poderão dar uma ideia de conjunto para a grande maioria de docentes, pesquisadores e alunos que fazem parte atualmente da pós-graduação em educação e que publicam na revista ou são seus leitores.

Fazer as entrevistas, colher os depoimentos, revisar as transcrições, relê-las, foi/é uma emoção que resulta de uma viagem ao passado, de uma revisita à história da criação da *RBE*. Empaticamente guiados “pelo olhar” ou “pela mão” de colegas protagonistas da constituição, expansão e afirmação de um periódico que deve muito a esses desbravadores, suas respostas ganham sentido na perspectiva do fortalecimento da ANPEd e sua responsabilidade diante da educação brasileira.

No “mar” de opções para essa retomada e diante de um “arquipélago”, foi necessário focalizar algumas “ilhas” para dar voz e vez a aspectos complementares dessa trajetória da *RBE*. Aspectos nem sempre registrados, mas muito vivos na memória de pessoas ou em documentos, às vezes, pouco veiculados. A escolha – que inevitavelmente produz exclusões – levou a quatro anpedianos considerados fundantes no que diz respeito aos precedentes da *RBE*. E, além destes, em especial por aquilo que a leitura informava e pela recorrência com que seus nomes foram citados nas entrevistas, colheram-se três depoimentos de anpedianos que desempenharam papéis ímpares nessa trajetória. Foram entrevistados:⁵

4 As indicações das manifestações dos quatro entrevistados e três depoentes, apresentadas a seguir, serão antecedidas ou sucedidas do sobrenome e data 2012, sem indicação de página. Qualquer outra referência seguirá as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

5 A entrevista de Marília Pontes Sposito, a seu pedido, foi colhida via *skype*, em 27 de abril do corrente ano. Os outros foram gentilmente enviados ao solicitante, anexados a mensagens via *e-mail*. Certamente, todo o material coletado – entrevistas e depoi-

1. Alceu Ravello Ferraro: presidente da ANPEd por duas gestões (1989 a 1993), período em que se intensificaram os debates e foram tomadas iniciativas decisivas para a criação da “tão sonhada revista”, como mais um dos meios para afirmar o “estatuto científico da ANPEd” (Ferraro, 2005, p. 57). Além disso, foi membro do Conselho Editorial da *RBE* do número zero ao número 15;
2. Maria Malta Campos: vice-presidente na gestão do saudoso Neidson Rodrigues (1993 a 1995)⁶ e, a seguir, presidente da ANPEd por duas gestões (1995 a 1999)⁷, acumulando também a função de coeditora responsável pela *RBE*, do número zero ao número 12, e, a partir desse número, membro da Comissão Editorial da revista até o número 24, em 2003, tendo passado depois a compor o Conselho Editorial;
3. Osmar Fávero: presidente da ANPEd nas gestões de 1985 a 1989, membro do Conselho Editorial, do número zero ao 14, e a partir desse número coeditor e, finalmente, editor responsável até o número 43, continuando depois como membro do Conselho Editorial, até o número 45 da *RBE*.
4. Marília Pontes Sposito: participou nas duas gestões de Alceu Ravello Ferraro, na condição de vice-presidente da ANPEd (1989 a 1993). Foi uma das editoras responsáveis pela *RBE* do número zero ao número 13.

As entrevistas com esses “pilares” da *RBE* não foram propriamente entrevistas, na perspectiva da formalidade que as caracteriza. Na verdade, foram conversas entre amigos. Mais: foi um privilégio poder estar frente a frente com esses colegas e observar o entusiasmo, a alegria de rememorar e falar de algo tão marcante, tão significativo para eles, em razão do diferente ingresso de cada um na concretização da *RBE*. Ou no detalhe, quando os olhos brilhavam ou o entusiasmo os tomava, diante de uma questão ou na recordação de um detalhe, ou ainda ao posicionarem-se ante aspectos com os quais concordavam ou discordavam.

Para quem conduz uma entrevista, é fácil transcrever, revisar, ler, mas faltam palavras para descrever o que se sente, o que se enxerga, as posturas, tonalidade de voz, a emoção, o brilho nos olhos dos entrevistados. São aqueles momentos marcantes,

mentos – passará por algum meio de disponibilização a fim de que todos possam se beneficiar das reflexões desses nossos colegas.

6. Dessa diretoria, com dois mandatos, em virtude de seu pioneirismo na criação e afirmação da *RBE*, nominam-se aqui todos os seus membros. Das gestões do Neidson faziam parte, como vice-presidentes, Gaudêncio Frigotto, Márcia Ângela Aguiar e Maria Malta Campos; como secretária-geral, Rita Amélia Teixeira Vilela; e, como secretária adjunta, Maria Rita Neto Sales Oliveira.
7. As vice-presidências, na primeira gestão de Maria Malta Campos como presidente da ANPEd, foram exercidas por Jacques Velloso, Nilton Bueno Fischer e Sofia Lerche Vieira; a secretária-geral, por Ester Buffa; e a secretária adjunta, por Marli Eliza Dalmazo Afonso de André. Na segunda gestão, mantiveram-se os mesmos vice-presidentes, Marli Eliza Dalmazo Afonso de André assumiu a secretária-geral e Elba Siqueira de Sá Barreto, a secretária adjunta. A partir de 1998, agrega-se a secretária adjunta II, função exercida por Janete Lins Azevedo.

inesquecíveis de uma entrevista ao vivo, quando, por exemplo, Maria Malta Campos (2012), confrontada com a pergunta “O que significa a *RBE* para você”, responde:

Eu acho que é um *filho meu, muito querido* [...], acalentado. Eu me orgulho de a associação ter feito uma revista assim, que desde o começo era muito boa. Se você pegar os primeiros números, eles são muito bons. Ainda continuam bons hoje, e continuarão cada vez melhores. (Ênfase da entrevistada)

Ou a manifestação entusiasmada de Osmar Fávero (2012):

Eu assumi a *RBE* profissionalmente. Tanto que Débora [secretária de redação] vinha várias vezes por semana aqui em casa e várias vezes na hora de fechar uma revista, que é o *momento gostoso* de você saber: eu tenho isso em mãos, o que eu ainda preciso, o que eu posso puxar, qual é a revisão que eu posso apressar, qual é a ordenação que eu dou nos textos. E eu discutia isso com Débora, porque era a *cozinha da revista*, na hora de você botar o *temperozinho*, de arrumar, de fazer o editorial... (Ênfase do entrevistado)

Ou ainda a incontida alegria de Alceu Ravello Ferraro (2012), ao falar da “criação do Comitê Científico da ANPEd”, em sua gestão, como um dos antecedentes mais decisivos para a criação da *RBE*, ou ao nos repassar o original da carta de encaminhamento do número zero da *RBE* (com os sinais amarelados do tempo, impressos), assinada por Sérgio Haddad (Anexo I), e afirmar: “Eu me senti *comovido*. Realmente eu acho que foi um passo importante na *consolidação da ANPEd* como entidade científica” (Ênfase do entrevistado).

Porém, como ressaltado anteriormente, as fontes para este texto são diversas e, além das entrevistas e por causa delas, nomes de muitos anpedianos foram insistentemente citados como decisivos para a *RBE* que temos. Neidson Rodrigues é uma unanimidade ao se reconhecer o pioneirismo relacionado à afirmação da institucionalização e internacionalização da ANPEd, das decisões em torno da materialização da *RBE* e outras tantas questões, algumas das quais serão ressaltadas posteriormente. Nessa listagem dos frequentemente citados, destacaram-se ainda: Gaudêncio Frigotto, Sérgio Haddad e Carlos Roberto Jamil Cury – bem como Rita Amélia Teixeira Vilela, muitas vezes lembrada, como se verá nos depoimentos –, seja por ocuparem posições nas diversas frentes que compõem o leque de responsabilidades para fazer a *RBE* acontecer, seja pelo seu papel ímpar, pela sua participação qualificada nos momentos decisivos de cada número da revista, principalmente os iniciais. Seus depoimentos muito contribuíram para a tecitura deste texto.⁸

Ouvir, transcrever, ler, dar um ordenamento às principais manifestações, convergir no sentido de contar-se com mais elementos históricos, manifestações que

8 Para a construção deste texto, passos semelhantes foram dados na direção da composição do texto elaborado para os “30 anos da ANPEd” (Sousa; Bianchetti, 2007).

ajudaram na visualização de outros aspectos para compreender esse processo de gênese, expansão e afirmação da *RBE*, na direção propugnada por Alceu Ravello Ferraro em epígrafe: não era apenas ter *uma* revista da educação, mas que o periódico fosse *o melhor* da área de educação.

Utilizando como mote um texto de Saviani (2006), no qual o autor analisa o histórico da pós-graduação em educação no Brasil, dividindo-o em “antecedentes”, “período heroico” e as fases de “consolidação e de expansão” e a “situação atual”, procurou-se distribuir as questões aos entrevistados, a respeito da *RBE*, inserindo-as nessas fases/períodos. Embora nem sempre utilizando a mesma terminologia, procurou-se fazer dessa sequência o roteiro das entrevistas.

Por fim, vale ressaltar que propositadamente, nas páginas que seguem, mais do que fazer uma análise, deixa-se os entrevistados falarem, reproduzindo excertos das entrevistas ou dos depoimentos. O objetivo foi trazer fatos, episódios e análises que ajudassem a dispor de mais informações e reflexões sobre a *RBE* dentro de um rico “mosaico” que é a história da gênese, constituição, afirmação, expansão e consolidação da revista e suas perspectivas.

OS PRIMEIROS PASSOS, A POSTERGAÇÃO E FINALMENTE A CRIAÇÃO DA *RBE*

No princípio era um boletim...

No meio se fez caderno...

E nasceu uma revista...

CURY, 2012

*Nossa, a *RBE* já está no número 50!*

HADDAD, 2012

Carlos Roberto Jamil Cury (2012), em depoimento exclusivo para a elaboração deste texto, lança mão de metáfora criacionista – “*No princípio era o verbo...* depois se materializa” – para figurar em prosa o processo de criação da *RBE*. Em epígrafe, reproduziram-se em verso as divisões do texto do depoente como se fossem subitens.

Cury (2012) explicita, do seu ponto de vista, o alfa e o ômega dos antecedentes e da criação da revista, aspecto que será objeto de preocupação nas próximas páginas. Por 18 anos, desde a criação da ANPEd até o surgimento da *RBE*, a associação utilizou-se de *boletins, informes, cadernos, documentos* e outros meios assistemáticos, com periodicidade nem sempre regular, para veicular, fosse a produção intelectual, fossem os posicionamentos políticos, as decisões da diretoria, certas rotinas e ações da ANPEd, particularmente as referentes à RA e à inserção da associação em outros fóruns. Não que esses meios de veiculação de que se utilizava não dessem conta das necessidades da associação de mostrar-se para um público amplo e de posicionar-se perante questões internas e da conjuntura nacional – vivia-se, então, em plena

Ditadura! – e até internacional. Assim como não se pode deixar de ter presente que esse expediente de diferentes *informes* ainda é utilizado mesmo agora, quando a ANPEd conta com *sua* revista e com *seu site*.

Nesse processo, contudo, talvez uma das primeiras iniciativas que tenham sido tomadas e que podem ser consideradas uma protogênese da *RBE* seja o *Boletim Interprogramático*, a que se refere Célia Frazão Soares Linhares, em entrevista a Marília Araújo Lima Pimentel, concedida em 2003, porém inserida no CD *Memórias da ANPEd*, em 2007. Referindo-se à pouca informação que circulava entre os professores e os programas de pós-graduação e estando a ANPEd, no final dos anos de 1970, na condição de entidade recém-criada, a depoente afirma que se sentiam “muito dispersos, uns não sabiam o que os outros faziam, [assim] propus um *boletim*⁹ *interprogramático* em que a gente dava notícias usando a precariedade da UFF, onde o espaço da pós-graduação era cambaleante. O *Boletim*, porém, era o *pombo-correio*, ele circulava nacionalmente” (Pimentel, 2007, p. 9).

Falando dos primórdios da criação da ANPEd, Juracy Marques, em entrevista publicada no número 30 da *RBE*, de 2005, sobre os “40 anos da PG em educação no Brasil”, esboça uma crítica a um determinado tipo de publicação e de estratégias de trocas entre os anpedianos da “fase heroica”:

Havia muito interesse em saber quem é quem e, ao mesmo tempo, havia, da parte de alguns, uma atividade muito intensa de publicações. Em cada reunião eles distribuía[m] cópias dos seus artigos que já estavam publicados ou seriam publicados, sempre em revistas menores, porque o problema das revistas em educação era um problema muito complicado. Foi resolvido, acredito, nos últimos cinco anos, quando a CAPES começou a classificar as publicações. Isso retardou muito a visibilidade da pós-graduação em termos das ações que eram empreendidas. (*apud* Bianchetti, 2005, p. 145)

Jésus Alvarenga, secretário adjunto nas gestões entre 1985 e 1989, presidi-das por Osmar Fávero, retoma, por sua vez, os informes sobre a trajetória daqueles que seriam os primeiros passos em direção à criação de meios de publicações mais sistematizadas:

Nós que na verdade institucionalizamos o *Boletim* e criamos os *Cadernos ANPEd* durante a diretoria de 85-89. Eu diria que demos um caráter mais científico a essas publicações; acho que marcaram nesse período a questão da regularidade, o conteúdo das mesmas e quem era responsável pela edição, os

9 Julieta Calazans, em depoimento a Pimentel (2007, p. 12), faz referência às primeiras iniciativas após a criação da associação e a uma delas assim se reporta: “aprovamos a edição do 1º *Boletim Informativo*, que ficou a cargo da professora Célia Frazão Soares Linhares...”. E, mais adiante, Calazans reforça: “Vale lembrar a contribuição da professora Célia Frazão Soares Linhares como realizadora e responsável pelo *Boletim da ANPEd* no período de 1978 a 1981” (*idem*, p. 13).

editores [...]. E isso facilitou muito, porque alguns *Cadernos* foram temáticos e eles podem ser referência até hoje; sobre a questão da expansão, da qualidade, e eu frisaria isso que foi o gérmen do que hoje é a *Revista Brasileira de Educação* [...] a produção científica da área cresceu e hoje temos uma respeitabilidade científica enorme. (Pimentel, 2007, p. 7)

Adensando os dados e argumentações desse “*rastró*” do já construído, como diria Célia Frazão Soares Linhares, ressaltem-se as informações e reflexões de Cury (2012) no depoimento a seguir:

O embrião da *RBE* se fez com um modesto boletim: *Boletim ANPEd*, nos idos de 1987. Nesse ano, fora reeleito, como presidente da ANPEd, o professor Osmar Fávero, para o biênio 1987-1989. E o boletim de número 4, volume 9 trazia essa notícia [...]. Era um boletim, um texto informativo, circulante entre os programas e os associados, divulgando matéria de interesse geral.¹⁰

A fase seguinte, nesse resgate dos antecedentes da *RBE*, ainda segundo Cury (2012), dá-se com a “conversão do boletim em *Cadernos ANPEd*, em 1990, com a presidência do professor Alceu Ravello Ferraro. Os informes iam agora se convertendo em artigos visando tanto à discussão de problemas da pós-graduação como à busca de uma consolidação da área”. E complementa: “Há que se reconhecer o caráter modesto desses primeiros estágios de desenvolvimento. Em muitos encontros, a ideia de transformar em revista os boletins e os *Cadernos ANPEd* ia e vinha”. Ou como também registra Frigotto (2012): “Vale ressaltar que desde o início [a ANPEd] não descuidou de registrar a memória das agendas de discussão e o sentido das mesmas, editando um boletim informativo e, posteriormente, *Cadernos ANPEd*, com temáticas específicas”. Concluindo, afirma que se “pode dizer que os *Cadernos ANPEd* prenunciavam a necessidade de produzir uma revista”.

Questionado sobre esses antecedentes da criação da *RBE*, Ferraro (2012), no decorrer da entrevista, assim se manifesta:

Na realidade, a *RBE* é um assunto mais para as diretorias que vieram depois da nossa. Na nossa, a revista foi apenas um sonho, um sonho acalentado, mas que não conseguimos realizar. Eu acho que é importante destacar este ponto: era um *baita desafio*, na época, a criação de uma revista. (Grifo nosso, seguindo ênfase do entrevistado)

Por sua vez, Sposito (2012) fala da dificuldade de “cuidar”, concomitantemente, da associação e de uma revista, ressaltando a questão das múltiplas

10 Na sequência, o depoente revela o quanto essa publicação lhe era útil no cargo que ocupava: “Era pelo boletim que eu, então presidente – hoje, coordenador(a) de área –, transmitia informes da CAPES para a área e publicava os resultados da avaliação. E dele constavam também os *Relatórios do Comitê Assessor* do CNPq”.

frentes a encarar, bem como da questão financeira¹¹ para garantir a criação e a manutenção de uma revista:

Então, já não éramos mais da diretoria [quando a *RBE* foi criada]. Isso também foi bom, porque nos deu uma certa liberdade de trabalho, no sentido até objetivamente de tempo, porque é difícil ser diretoria e ao mesmo tempo coordenar uma revista. A gente queria começar a revista nos mesmos moldes que a gente fez com a instituição, que ela fosse vigorosa, que ela tivesse um Comitê Editorial internacional, que ela tivesse critérios claros de avaliação de trabalhos, que ela não fosse um botequim de amigos, que só se publica trabalhos de gente amiga. Então, eu acho que a gente trouxe para a revista essa experiência da ANPEd aliada à experiência que a Maria Malta Campos tinha na condução do *Cadernos de Pesquisa*.

Ferraro (2012) explicita mais um dos porquês desse sonho, bem como das dificuldades de criar e manter uma revista que fosse boa o suficiente para representar uma entidade como a ANPEd:

E olhando para trás, para os documentos mesmo, a maior dificuldade de lançar uma revista, e uma revista boa, uma revista de qualidade, era a produção com que se contava na época. Se a gente olhar os artigos, as conferências feitas nos anos 80, por exemplo, em meados dos anos 1980 e até 1990 mais ou menos, a gente se dá conta da pequena quantidade e da baixa qualidade da produção na área. Num artigo, por exemplo, Pedro Goergen¹² [...] diz uma coisa muito importante: ele fala da escassez de meios de divulgação e é dentro dessa preocupação que surge a ideia da revista.

Constatava-se que a produção intelectual dos anpedianos não era somente escassa e de pouca qualidade. Havia outras variantes, até de ordem formal, que evidenciavam um estágio precário da díade conteúdo-forma, relacionado com ausência de regulamentações e de práticas de exposição ou publicização da produção por parte dos candidatos a expositores e/ou articulistas:

Quer dizer, de uma RA, você tirava um caderno, poucos artigos, poucos textos publicáveis. Eu vou pegar a 1ª RA que a nossa diretoria realizou. Foi em Belo

11 Em outra parte da entrevista, Sposito (2012) desenvolve mais esse aspecto: “[...] havia uma questão de colocar as finanças da ANPEd em condições para poder garantir a RA, para poder garantir os convidados, inclusive porque fizemos toda uma mudança da estrutura da reunião [...]. Então, nós tínhamos que organizar financeiramente [...]. Quer dizer, tínhamos muitas ideias, mas os recursos materiais, os financeiros, eram pequenos e modestos. Por isso que a revista foi um pouquinho adiada, mas ela já estava sonhada mesmo e imaginada nessa gestão, como se fosse um conjunto de ações para garantir esse estatuto acadêmico-científico”.

12 Ver Goergen (1985).

Horizonte, em 1990. Quando recebemos os textos... estavam em cima de uma mesa ali na UFRGS. O que se faz? Tinha texto de três páginas, texto de 50 páginas. O de três páginas, eu me lembro, era um xerox da folha de rosto da dissertação e as três páginas de texto eram as conclusões com a numeração 185, ainda das páginas da dissertação. Isso veio para a reunião da ANPEd. (Ferraro, 2012)

Essa questão da escassez de material para publicar, seja no que diz respeito à qualidade, seja no que se refere aos aspectos formais, foi, do ponto de vista do entrevistado, a motivação que levou a adiar o “*sonho da revista*”. Era como se as ideias, o sonho e as possibilidades de materialização ainda estivessem defasadas ou se precisasse atravessar o Rubicão. Isso demandou que outras frentes, consideradas pressupostos para uma publicação científica de qualidade, fossem atacadas. Uma delas foi a criação do Comitê Científico (CC).¹³ Este contribuiu, em muito, tanto para o avanço nos aspectos da forma dos trabalhos a serem apresentados na RA, quanto para a mudança nas regras de avaliação destes, avaliação que era feita, antes, somente pelos membros do Grupo de Trabalho (GT). Com o CC, passa-se a exigir pareceristas *ad hoc*, avançando-se, assim, na direção da qualificação dos trabalhos a serem apresentados e discutidos nas RAs. Nas palavras de Ferraro (2012),

Tinha que botar ordem na casa, tinha que estabelecer algum regramento e foi isso que foi empurrando a criação da revista para mais longe. Como é que você vai lançar uma revista sem ter um mínimo de padronização? Sem ter uma orientação clara para as pessoas? Então, é isso que eu queria dizer: a ideia da revista surgiu no momento em que nós não tínhamos ainda um mínimo de organização na parte, vamos dizer assim, de produção [...] o Neidson só conseguiu largar [o número zero da *RBE*] no segundo ano de gestão [...]. Tinha que aprimorar os meios de divulgação, que eram realmente escassos na época.

Nessa mesma direção da pouca preocupação dos anpedianos com a formalização, Campos (2012) faz referência ao papel ímpar desempenhado por Rita Amélia:¹⁴

13 Se os cadernos, os documentos, os boletins, os informes podem ser considerados germens da *RBE*, a instituição do CC, imprimindo uma regulamentação quanto à formalização, ao encaminhamento e à apresentação de trabalhos para a *RBE*, também é considerada um importante antecedente, decisivo para a criação da revista. Segundo Ferraro (2012): “E, olhando para trás, eu digo: foi a coisa mais difícil, na ANPEd, a aceitação do CC. É compreensível. Perdi amigos e amigas ali, sem dúvida nenhuma. A ideia do CC surgiu em dezembro de 1990, a realização foi em 1992, e só conseguimos a implantação depois de aprovado em Assembleia Geral em 1991”. E, assim mesmo, na Assembleia Geral da RA em Caxambu, em 1992, “*houve uma proposta – não aprovada – de extinção do CC*” (Ênfase do entrevistado). Complementarmente, Velloso (2007) considera a criação do CC uma das iniciativas de destaque da ANPEd. Sobre esse assunto, além do texto de Velloso (2007), ver também Ferraro (2005) e Fischer (2007).

14 Campos (2012) revela o diálogo que precede a sua assunção como editora da *RBE*: “Então, aí a Rita falou: ‘Maria, você não topa ficar como responsável pela revista?’ Eu falei: ‘Não só topo como tenho o maior prazer de fazer isso. Primeiro, é uma coisa que

[Ela] foi aquela pessoa que fez aquela coisa que é custosa de se fazer, trabalhosa. E evidentemente que todo mundo reclamava porque tinha que formalizar. “Ah, tem que ser nesse tipo, tem que ter não sei quantas páginas, tem que deixar espaço tal”. Mas era necessário naquela época, e, da mesma maneira que ela procedia em relação a essa parte de tramitação dos trabalhos para serem apresentados na Reunião Anual, ela *também olhou para esse projeto de revista com os mesmos olhos*. E ela se preocupou, porque ela viu que como ainda estava numa fase muito informal, precisava uniformizar. Por exemplo, os coordenadores de GT achavam que mandavam os seus trabalhos de GT e a revista ia publicar, que não haveria um trâmite autônomo da *RBE* para aquilo que seria ou não publicado. (Ênfase da entrevistada)

E o interessante é que, conforme os entrevistados, com o CC avaliando os trabalhos com rigor, passou-se a ter maior exigência sobre os GTs, vindo estes a atuarem no seu próprio núcleo de trabalho dos GTs no intuito de melhorar quantitativa e qualitativamente suas produções. Isto resultou em “*explosão de artigos*”, primeiramente inseridos em CDs, mas evidenciando em seguida que as condições da tão “*sonhada revista*” estavam postas, dado que a “matéria-prima” tornava-se cada vez mais abundante.¹⁵ E Campos conclui afirmando que, apesar de as exigências serem consideradas rigorosas, elas exerceram “um papel educador muito forte”. Para ela, isso quer dizer que, além de os Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEs), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cobrarem mais, o fato de a ANPEd também haver elevado o grau de exigências, orientando inclusive quanto à forma e ao conteúdo, “foi pedagogicamente muito importante”.

De acordo com Ferraro (2012), passa-se a compreender a necessidade de disciplinamento e orientações mais claras, ficando mais explícito que a RA era uma reunião científica, com mesas de debates, e que os GTs teriam que trabalhar com produção científica.

Tais situações é que fazem o entrevistado afirmar que a *RBE* “aconteceu no momento certo”, isto é, com o aumento do número e a melhoria da qualidade dos trabalhos apresentados, associados às exigências dos órgãos de avaliação e financiamento. Se a tentativa tivesse sido feita antes, provavelmente iria ser “um trabalhão” pela falta de artigos.

Avançando no seu raciocínio, Ferraro (2012) esclarece:

Quais as revistas com que você contava na época, antes da revista da ANPEd?¹⁶
Eram poucas. Hoje a gente tem uma quantidade enorme, mas a relação entre a

eu gosto de fazer e, segundo, eu aprendi a fazer isso todo o tempo que eu fui editora de *Cadernos de Pesquisa* [...]. Então, peguei o ‘boi à unha’, vamos dizer assim[...]”.

15 Como reforça Cury (2012): “E nossa produção, que já não era mais tão modesta, necessitava de um outro veículo de publicação que se juntasse a outros então existentes na área”.

16 Frigotto (2012) relaciona boas revistas que antecederam a criação da *RBE*, sendo que umas prosperaram, como é o caso da *Educação & Sociedade*, e outras foram extintas,

qualidade dos textos e a multiplicação de periódicos no país é muito estreita. Então, eu acho que até foi *prudente*, foi bom nós *não termos precipitado o lançamento da revista*, porque talvez ela nem tivesse condições de surgir logo como uma revista referência [...]. E eu não sinto, vamos dizer assim: “Ah, que pena...”. Ao contrário: “*Que bom que não fizemos [a RBE]!*” (Ênfase do entrevistado)

Ferraro aponta em seguida para uma questão que foi reforçada pelos demais entrevistados e depoentes: a preponderância da fala em relação ao texto escrito. São duas formas diferentes de comunicação. Afirma que “geralmente muita coisa era fala e não apresentação de um trabalho escrito”. E complementa com uma informação que somente pode ser compreendida tendo presente os resquícios de um período em que pouco se exigiu dos educadores em termos de escrita e do predomínio de certa prática de fazer dos auditórios espaços para divulgação de conteúdos que não resultavam de pesquisas, nem desafiavam a novas investigações:

Por exemplo, teve um problema sério, que nós enfrentamos logo no início da primeira gestão: GTs¹⁷ que eram lugar de desfile de administradores de sistemas de ensino municipais ou estaduais, que vinham fazer conferências, apresentar projetos, mas nunca saía um texto escrito [...] [vinham] divulgar a gestão, mas não resultado de pesquisa.

O interessante neste resgate é perceber dois momentos distintos: o primeiro, em que se torna explícita a necessidade de um periódico, associado a uma série de justificativas a respeito de por que era necessário e importante retardar a criação da revista; o segundo, em que se passa a perceber, com uma inflexão nas entrevistas e depoimentos, que as consideradas precondições haviam sido construídas e era hora do *fiat lux*, a hora de “*a revista nascer*”. Assim, da explicação do não feito, do retardado, passa-se a falar da impostergável criação da *RBE*. E é isso que se aponta e terá destaque no próximo item.

Em excerto do depoimento de Cury (2012), flagra-se, exemplarmente, um desses argumentos que apontam para a percepção de que era chegada a hora. Tendo sido ultrapassados os empecilhos, entre os quais se destacava a superação da fase caracterizada por pouca e fraca produção intelectual dos anpedianos, os desafios agora eram outros. Porém, já não dava para retardar a criação da revista. Cury (2012) assim explícita a percepção predominante e o momento:

como a *Fórum Educacional*, que deixou de existir no momento em que o Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) foi extinto.

17 Ferraro (2012) destaca a atuação decisiva de Miguel Arroyo, que, por indicação da Assembleia da ANPEd, coordenou intenso trabalho “no sentido de rever um pouco a estrutura e funcionamento dos GTs e de relacioná-los com a questão da produção”, iniciativa que teria contribuído para a criação de condições para o surgimento e qualificação da *RBE*.

O desafio era grande. A ANPEd não tinha uma sede fixa, era preciso firmar todos os passos para se tornar uma revista com legitimidade conquistada e não só uma legitimidade atribuída pelo fato de ser um veículo de uma grande associação. Mas o professor Neidson Rodrigues, de cujo protagonismo sou testemunha, era o presidente da ANPEd (1993-1995). Tinha a professora Rita Amélia Teixeira como secretária adjunta. Um dia me chamaram e falaram: “Não dá mais para a ANPEd ficar sem uma revista de publicação”. Falaram-me que a ANPEd gerenciava um volume de recursos considerável e com isso era possível sustentar os primeiros números. Dei meu apoio incondicional. Falei-lhes que a direção precedente havia posto em ação o Comitê Científico e os GTs iam se organizando. Além disso, era desejo daquela direção constituir uma revista. O professor Neidson foi a figura adequada para dar sequência a esse anseio. Como eu circulava pela área, percebi que esse era também desejo da área. As RAs e as regionais seriam a fonte de alimentação principal.

Tomada a decisão de criação de uma revista da/para a área, restava ainda a questão da denominação. Ferraro (2012) rememora a questão de como a revista viria a ser “batizada”. Afirma que, embora se tivesse discutido em torno do nome “Revista Brasileira de Educação”, Neidson encaminhou uma consulta para ver qual era a opinião ou opção em relação ao nome do periódico. Ferraro (2012) manifestou-se conforme se segue: “E eu mandei uma mensagem, não sei que mês foi, se por telefone ou uma carta: Pelo amor de Deus, *não percam o nome Revista Brasileira de Educação!*” (Ênfase do entrevistado). E complementa que reforçou com Neidson: “Acho que você não deve esquecer que você tem essa possibilidade. Ninguém tem um periódico com esse nome”.

CRIAÇÃO DA RBE: UM DOS PILARES DE AFIRMAÇÃO DO “ESTATUTO CIENTÍFICO” DA ANPEd

*Em termos de consolidação da ANPEd
como entidade científica,
como uma associação científica,
a RBE foi fundamental.*
FERRARO, 2012

*[...] não dá mais para a ANPEd
ficar sem uma revista de publicação.*

Manifestação de Neidson Rodrigues, reportada por CURY, 2012

Passado o período de projeções, preparações, tentativas, embora o caminho não estivesse completamente preparado, as condições mínimas já existiam e a RBE foi criada. Campos (2012), depois de descrever a série de entraves que dificultaram os primeiros passos, afirma que foram tomadas iniciativas que possibilitaram

[...] esse pontapé inicial na revista. Na Ação Educativa,¹⁸ então, a gente formou tipo um triunvirato, que era eu, a Marília Sposito e o Sérgio Haddad, como se fosse uma editoria executiva. E depois tinha, claro, o corpo editorial, e tínhamos os pareceristas *ad hoc*. Além disso, foi contratada uma secretária, a qual ficava sediada na Ação Educativa, porque não tinha mesa, nem espaço para ela sentar na PUC. Então, toda essa parte de correio, telefone, na época fax, que a gente usava muito. Lembre-se que na época nós não podíamos nem mandar arquivo por *e-mail*. É bom os leitores lembrarem deste detalhe. A gente, então, sediava lá as reuniões. As reuniões minhas, do Sérgio e da Marília eram feitas lá na Ação Educativa. E era assim que a coisa corria. E eu até encontrei uma pasta que mostra como a gente funcionava na base do recadinho, na base do fax...

Porém, entre os principais obstáculos que estavam em processo de superação destacava-se o do financiamento para garantir a publicação da *RBE*. Para tanto, haviam sido decisivas as negociações com o representante da Fundação Ford¹⁹ no Brasil, como descreve Campos (2012):

É, esta é uma das exigências [a periodicidade] que se requer de um periódico científico. Na época do Neidson, começou uma série de negociações com a Fundação Ford, para ver se se conseguia um aporte de financiamento para a revista e havia uma circunstância favorável na Fundação Ford que era o Nigel Brooke [...] ele era também professor da UFMG, onde coordenava o Setor de Educação, que existia naquela época na Fundação Ford. E o Neidson tinha uma boa relação com ele. E o Nigel colocou o seguinte: “A Fundação Ford se interessa, sim, por financiar, digamos assim, o pontapé de partida” – como eles chamavam. Depois a revista teria que se autossustentar [...]. Aí o Nigel disse: “Só que a gente, primeiro, precisa que vocês façam um número. Vocês precisam fazer um número”. E foi assim que saiu o número zero da *RBE*²⁰ [...].

18 A secretária da *RBE* passa efetivamente a funcionar nas dependências da ANPEd apenas na atual gestão, presidida por Dalila Andrade Oliveira (2009-2013). Por longo tempo esteve instalada e funcionou na sede da Ação Educativa, organização não governamental (ONG) com sede em São Paulo. Depois, era na própria casa do editor responsável que o trabalho efetivamente era feito. É o próprio Fávero (2012) quem explicita: “Até aparecer a Débora, no segundo semestre de 2001, se eu não me engano, quando a gente devia estar fazendo a número 17, por aí. [...] e uma das minhas exigências é que as pessoas viessem trabalhar comigo, em casa, *porque não tinha condição de trabalhar naquela salinha que era lá da UERJ*. [...] A Débora topou, sem problema nenhum” (Ênfase do entrevistado).

19 Além do apoio dessa fundação, para os primeiros passos da *RBE*, Haddad (2012) acrescenta o importante papel desempenhado pela ONG Ação Educativa, aspecto amplamente reconhecido e reforçado por outros entrevistados e depoentes.

20 Esse financiamento por parte da Fundação Ford foi mantido para diversos números da *RBE*. A partir do número 16 aparece o apoio do CNPq e posteriormente outros suportes, como o da CAPES e de fundações, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por exemplo.

“Porque – dizia o Nigel – nós não podemos financiar uma coisa que não existe. Vocês têm que fazer um número, digamos, seria um protótipo, um número que já tenha a cara que a revista vai ficar etc. e tal. Para que daí a gente possa passar a financiar”.

E foi assim que se deu o “nascimento” do número zero da *RBE*, no final do ano de 1995.

Sposito (2012) acrescenta importantes elementos para o resgate dos primeiros passos da *RBE*, ao concordar que houve uma espécie de quebra paradigmática na forma de organização e funcionamento da ANPEd antes e depois do final da década de 1980. Antes havia muitas frentes que exigiam das diretorias elevada carga de tempo e energia, que deixavam pouco tempo para novas iniciativas, em razão da necessidade de confrontar-se ao *modus operandi* da ditadura vigente. Tinha havido um enorme envolvimento com as discussões em torno da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), da Constituinte, enfim de todas as batalhas relacionadas à redemocratização do país.

Tempo e espaço para a ANPEd assumir novas formas de se organizar, funcionar e dizer o seu qualificado “presente” estavam colocados como possibilidades e desafios. E é com esse contexto que Sposito faz sua reflexão, conectando os motivos que levaram à necessidade de uma revista para a associação:

Acho que a *RBE*, para mim, vem como consequência disso. Nós tivemos o debate todo em torno da LDB e da Constituinte, e essa inserção política das entidades da área de educação foi fundamental. Mas ela se esgota num determinado momento, na medida em que o país se redemocratiza e a nossa fala à sociedade teria que ser uma fala não apenas de militantes, mas de pesquisadores militantes. Então precisávamos resgatar a ideia de que podíamos falar com competência e com alguma possibilidade de intervenção pública porque pesquisávamos. E era esse o momento de dar essa virada, então as reuniões, antes, eram muito ocupadas com os temas da política da conjuntura imediata e por muitas atividades relativas a experiências, relatos de experiências, mas pouca consistência do ponto de vista científico.²¹

E, na sequência, aponta para uma questão que foi consenso entre os entrevistados e depoentes e que diz respeito a um dos antecedentes fundamentais, já referido anteriormente, para abrir caminho para a criação da *RBE*: a implantação da “ideia de um comitê científico”²² para avaliar trabalhos”. Na mesma linha de Ferraro

21 O depoimento de Frigotto (2012) sobre esse aspecto da conjuntura traz interessantes e instigantes aportes.

22 Além dessa iniciativa, Sposito (2012) acrescenta mais duas como determinantes da quebra paradigmática em relação ao antes e depois do final de 1989 e que foram importantes para a associação e para a *RBE*. Além do CC, indica a transferência das RAs para Caxambu – que era a ideia de que as pessoas ficassem intensamente juntas para discutir

(2012), Sposito reforça que essa iniciativa “não foi sem resistência. Foi, digamos assim, com muita resistência de alguns colegas e muito apoio de outros”. Porém, de acordo com ambos, esse foi um marco decisivo para a afirmação de um “*estatuto científico*” para a associação, com resultados diretos na qualificação da *RBE* e para a transformação desta em um dos pilares mais visíveis da ANPEd.

Sposito (2012), constantemente citada como das mais ferrenhas defensoras da necessidade desse “*estatuto científico*” para a associação, instada a explicitar sua compreensão a respeito, assim se manifesta:

A produção de estatuto científico é uma produção de conhecimento mediante regras que são acordadas historicamente pela comunidade científica. Promover o estatuto científico seria promover as condições para que pudéssemos produzir conhecimento, e conhecimentos que pudessem ser reconhecidos enquanto tais, não mera retórica. Eu sempre brinco com os meus alunos: “Nas assembleias políticas, nos embates políticos, nós temos certeza; na academia nós temos dúvida. A dúvida é condição de avanço do conhecimento científico”. Então, ou você se dedica para ser muito estudioso do tema e provar que aquilo pode produzir conhecimento, ou vão te identificar como um militante, como alguém interessado numa causa, mas não um pesquisador. [...] Ou a educação firma-se como um conjunto de estudos e de saberes que se fala para a sociedade mediante uma produção de conhecimento, ou nós não vamos ser respeitados. Por aí que foi essa grande preocupação, para aumentar a legitimidade da área, e a legitimidade de quem pode falar para a sociedade porque escreveu, pesquisou e produziu conhecimento sobre essa sociedade.

E, ao buscar a tradução dessas questões que perpassavam a associação, Sposito (2012) focaliza a *RBE* como um dos meios por excelência de afirmação desse “estatuto científico” da ANPEd, explicitando quais foram e devem ser os cuidados para assegurar sua concretização:

[...] porque ela sempre procurou ser uma revista cujo núcleo é a divulgação da boa pesquisa. Então, primeiramente ela sempre valorizou e criou um conjunto de procedimentos de avaliação para garantir que nós disseminássemos o que de melhor temos pesquisado no país na área de educação. Em segundo lugar, pelo seu caráter plural:²³ ela nunca, como revista, fez cerceamentos

a pesquisa, que as reuniões não fossem numa cidade grande, onde o evento era muito flutuante, muito diluído – e, finalmente, o fortalecimento do Colegiado dos Coordenadores de Programas de Pós-Graduação, que acabaria posteriormente se constituindo inicialmente no Fórum de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação (EDUFORUM) e depois, gradativamente, passou a ser denominado e reconhecido como Fórum Nacional de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação (FORPRED), em 1993.

23 Em longa manifestação em sua entrevista, Fávero (2012) tece interessantes comentários sobre a recusa/aceitação de um texto para publicar em virtude da filiação institucio-

teórico-ideológicos, ou seja, ela nunca conduziu a sua linha editorial para uma determinada forma de conduzir a pesquisa. Ou seja, se a nossa área é plural nas orientações teórico-metodológicas, a revista, ela conseguiu e ela preserva até hoje isso. Ela não é “samba de uma nota só”, sobretudo porque, no final dos anos 1980, nós tínhamos linhas muito hegemônicas de pensamento e, se a revista se alinhasse com linhas hegemônicas, ela não cresceria como produção acadêmico-científica.

Aqui é necessário fazer uma pequena digressão para perceber o que esteve em jogo na história da ANPEd, desde sua criação até se chegar às condições para a criação da *RBE*. Nesse sentido, pensar no desafio de construir um “estatuto científico” para a associação, num primeiro momento, é retomar um fato histórico, marcante dos anos de 1976 a 1978, quando da pré-fundação da ANPEd – uma vez que a fundação efetiva se dá somente quando os estatutos são aprovados. Após reuniões e muitos debates sobre a criação de uma entidade associativa para a área de educação, num misto de indução da CAPES²⁴ e da disposição, predominantemente de coordenadores,²⁵ dos poucos PPGs que havia na época, quando da eleição da primeira diretoria, estiveram em jogo duas posições distintas:²⁶ a criação de uma associação para ser uma espécie de braço do Estado ou de assessoria à CAPES, para implementação de suas políticas, e uma associação de caráter científico da área de educação. Em diversas passagens das entrevistas e dos textos que compõem o número especial da *RBE* sobre “os 40 anos da pós-graduação em educação no Brasil”

nal/ideológica do texto e autor/a. Seu posicionamento é de que um bom artigo, mesmo não se alinhando às tendências da associação, deve ser aceito, até porque pode provocar réplicas, fomentando debates.

- 24 Ferraro (2005) chega a referir-se ao surgimento da associação como tendo sido, de certa forma, de “parto induzido”, tal foi o protagonismo da CAPES nesse momento. É com a eleição da primeira diretoria, numa direção não prevista pela CAPES, e por posicionamentos, alguns radicais, de rompimento com o órgão governamental que a ANPEd passaria de “instituída a instituinte”, conforme palavras de Carvalho (2001).
- 25 Recorde-se que, nesse momento e por um bom tempo, apenas participavam da associação os PPGs, como sócios institucionais; posteriormente, passaram a participar também os sócios individuais, entre eles, professores, pesquisadores e pós-graduandos. Calazans, na entrevista concedida a Bianchetti e Fávero (2005, p. 157), informa que a “pesquisa” passou a compor o nome da associação na primeira mudança de estatuto, no início de 1980. Afirma que se chegou a pensar em “criar outra Associação para a pesquisa. Preferimos ampliar a ANPEd, mesmo sabendo que poderia haver reações”. E conclui: “Considero a inclusão da pesquisa um grande acerto”.
- 26 Em perspectiva mais ampla, Frigotto (2012) refere-se a uma verdadeira “disputa” pela conquista da hegemonia na associação por cada uma das partes. Segundo ele: “De um lado [a disputa era] por um grupo ligado ao pensamento psicológico da educação duplamente conservador – pela concepção de psicologia e de educação – e, de outro, por um grupo mais ligado ao debate da política e planejamento educacional, com perspectiva crítica ao ideário da educação imposta pela ditadura civil-militar [...]. As ideias e propostas deste grupo acabaram prevalecendo”.

(n. 30, 2005),²⁷ fica explícito que a opção dos delegados votantes por eleger a chapa liderada por Jacques Velloso significou uma opção por uma associação científica, com projetos de autonomia, e não por uma entidade tutelada, que estaria disponível às demandas do Estado.

Tal opção inclusive gerou manifestações de alguns participantes das reuniões de criação da ANPEd,²⁸ no sentido de que se teria criado um sindicato e não uma associação científica. Conforme entrevista concedida por Calazans: “Nos acusavam de fundar um sindicato da pós-graduação. Achavam que tínhamos estruturado a ANPEd de surpresa, que tínhamos feito um tanto escondido e tal [...]. Parece que algumas pessoas até hoje não se conformam de não ter dado errado” (Bianchetti; Fávero, 2005, p. 156).

Em depoimentos diversos, bem como em documentos, sobressai a perspectiva de que essa opção por uma associação científica, no “ato inaugural” da ANPEd, foi determinante no intuito de se garantir uma postura na direção da construção de uma associação voltada para a educação, para promover, qualificar e representar a área, inicialmente via pós-graduação, enfraquecendo ou até bloqueando a outra opção, que poderia ter levado a associação para outra direção, para outros compromettimentos, particularmente diante do *status quo* vigente.

A opção pela autonomia da associação acabou por trazer-lhe alguns dissabores e até rompimentos com órgãos governamentais e uma luta incessante no intuito de garantir a sua afirmação. E, nesse aspecto, não se pode deixar de ter presente o momento político que então se vivia.

Também nesse aspecto, a criação da associação e a opção que predominou foram o ponto de partida, que necessariamente tinha que se fazer seguir de outras opções e decisões para reforçar a direção encetada. Por um período relativamente longo, os embates, as resistências, passaram a ser registrados em *documentos*, em *manifestos*, em *boletins*, em *informes* e pela presença em comissões, representação em outras associações, sempre com a marca e a posição da ANPEd. Calazans informa que “logo depois dessa reunião no Rio, ainda em 1978, houve uma reunião sobre produção científica e linhas de produção”, nesse momento ainda promovida pela CAPES. E segue: “Existe uma publicação sobre esse seminário, uma das primeiras feitas pela ANPEd, com dinheiro da CAPES” (*idem, ibidem*).

O que passou a ser possível, na sequência, foram inúmeras publicações de diferentes formatos e tamanhos, porém, com cada vez mais frequência e intensidade, passou-se a explicitar a necessidade de a associação contar com um veículo de publicação da sua produção, dos seus posicionamentos, enfim, contar com a *sua* revista.

Todavia, foi particularmente na gestão coordenada por Alceu Ravello Ferraro que o preenchimento desse vácuo passou a ser perseguido com mais afinco.

27 Ver especialmente o texto de Ferraro (2005) e as entrevistas com Juracy Marques (Bianchetti, 2005) e Maria Julieta Calazans (Bianchetti; Fávero, 2005).

28 Reuniões realizadas no IESAE (RJ), na Universidade Federal do Paraná (UFPR) etc.

Inclusive, há nas entrevistas e nos depoimentos evidências, mais insinuadas do que explícitas, no sentido de que foi tomada uma iniciativa concreta de atribuir a responsabilidade específica a um membro da diretoria para gerir a criação de uma revista da associação. De um lado, circunstâncias que escapam ao controle das pessoas envolvidas impediram que o objetivo se concretizasse. De outro, como fica evidenciado nas manifestações dos entrevistados, as condições materiais ainda não estavam adequadas para esse passo.

Sobre a questão de ter havido uma tentativa de criação de uma revista ainda na gestão de Alceu Ravello Ferraro, Frigotto (2012) traz um esclarecimento que lança luz sobre o episódio, seja pelas informações novas, seja por ter utilizado referências que não deixam margem para dúvidas:

De fato, já ao final dos anos de 1980, já na primeira das duas gestões do professor Alceu Ferraro como presidente e Nilton Bueno Fischer [...] como secretário-geral [1989-1991], a ideia da revista da ANPEd tomava corpo. Acompanhei, agora [então] como sócio membro, professor no PPGE da UFF e coordenador do GT Trabalho e Educação da ANPEd, as discussões que buscavam amadurecer a criação da revista. Um fato novo, todavia, na minha compreensão, postergou que isso acontecesse já no início da década de 1990. Sublinho aqui que se tratou de uma coincidência e não, necessariamente, de uma intencionalidade, o fato de que o professor Tomaz Tadeu da Silva, então secretário adjunto, organizasse, em caráter pessoal, a revista *Teoria & Educação* e sendo o seu editor até que a mesma deixasse de circular após uma dezena de números [dois por ano], coincidindo seu fim com o início da revista da ANPEd.

Trata-se, como ele mesmo explica numa entrevista, dada em 2002,²⁹ de um momento muito particular de sua vida intelectual e que o conduziu a organizar, em caráter pessoal, a revista *Teoria & Educação* e coletâneas sobre a teoria educacional.

A partir de 1989, às gestões (as duas primeiras tendo Ferraro como presidente) coube, tomando-se por base as experiências das gestões anteriores, o adensamento das discussões e as diferentes formas de socialização da produção intelectual da ANPEd, fazer encaminhamentos no intuito de, em termos gerais, modificar o formato das RAs e, nesse processo, modificar a organização e o funcionamento dos GTs, criar o CC, oficializar o EDUFORUM,³⁰ aprofundar as relações com

29 No depoimento, Frigotto (2012) indica as referências nas quais o professor Tomaz Tadeu explicita as motivações que o levaram a essa decisão: Luiz Armando Gandin, João Menelau Paraskeva e Álvaro Moreira Hipólito, Mapeando a (complexa) produção teórica educacional: entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. *Currículo sem Fronteiras*, Pelotas, UFPel, v. 2, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 2002.

30 Ferraro (2005, p. 64), a esse respeito assim se manifesta, com base em informação que consta no *Boletim ANPEd* (1988, p. 88): “Aqui fica uma questão a esclarecer. Na sessão de abertura da 12ª RA, em 1989, na USP, o Presidente Osmar Fávero destacara como um dos pontos fortes da gestão (1985-1989) ‘a constituição do Fórum de Coordena-

outras associações, entre outras medidas que acabariam interferindo na forma e no conteúdo dos trabalhos encaminhados para apresentação nas RAs.

Sem esse breve retrospecto da afirmação do estatuto científico da ANPEd, seria mais difícil compreender aquilo que pode ser apreendido como um pano de fundo da trajetória encetada pela associação para a *RBE* ser criada e afirmada como tal.

RBE: UM DOS VEÍCULOS DE AMPLIAÇÃO DA VISIBILIDADE DA ANPEd

O dado relevante é que, tardia ou não, a RBE, foi se afirmando [como] um dos mais importantes espaços de produção sobre a realidade educacional brasileira e uma referência para o diálogo internacional.

FRIGOTTO, 2012

Quando se faz referência à questão da visibilidade, está se apontando para a relação da associação com outras áreas, com associações coirmãs, bem como com organismos governamentais e com aquilo que se convencionou denominar de internacionalização da entidade. Nesse aspecto, ganham destaque as decorrências de a associação contar ou não com uma revista e sua mediação.

Campos (2012) faz referência aos inúmeros convites que a ANPEd recebia para fazer-se presente em debates, em fóruns de instituições diversas, mas focaliza particularmente a participação nas discussões coordenadas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em especial por esta caracterizar-se como uma espécie de “associação das associações”, em virtude do espaço que, às vezes, mas outras nem tanto, era aberto a outras associações, como no caso da ANPEd. Suas palavras dizem melhor qual era a recepção para a área e o que significava a ANPEd ainda não ter sua revista:

Então havia discussões muito interessantes e sempre me surpreendeu assim: há um misto de boa vontade e surpresa dos representantes de outras áreas com as falas da ANPEd. “Ah, existe a ANPEd. Ah, a educação até tem alguma coisa para dizer”. Entendeu? [...] Aí eu ia, de um dia para a noite, explicar lá para a comissão alguma coisa que estava rolando na tramitação da LDB, e claro que tinha todo o pessoal de defesa da escola pública que se reunia, que também estava participando. Havia outros canais que, digamos, estavam todos correndo parale-

dores de Programas de PG, que se tem reunido sistematicamente no primeiro dia dos encontros anuais”. Para informações detalhadas sobre a criação e funcionamento do FORPRED, ver Pucci (2007).

los e que exigiam um protagonismo da ANPEd, enquanto ANPEd. Falar assim, enquanto representante, é diferente. Eu acho que tudo estava acontecendo junto, e por isso a revista também simbolizava um pouco: “Olha, nós existimos, está aqui [...], nós existimos, nós temos o que dizer, nós temos uma história, nós temos raízes. Então, você vê, não é uma questão só técnica, é uma questão também que envolve emoção, mas também que envolve uma questão política importante. E eu acho que havia essa consciência, *não era uma coisa porque a CAPES precisa de uma revista, não, isso nunca [...]*. Na realidade a CAPES chegou muito atrasada nesse processo, se você quer saber [...]. Isso talvez seja importante que todo mundo que hoje está entregando relatório da CAPES saiba. [...] Ela [a RBE] está carregada de tudo isso, *não é só uma revista. É uma presença na sociedade, é uma tentativa de sair de um ambiente ainda fechado e se colocar mais abertamente na sociedade. Eu acho que tem esta dimensão e não é pretensão excessiva dizer isso, mas acho que havia esse anseio.* (Ênfase da entrevistada)

Sposito (2012), por sua vez, traz elementos que ajudam a refletir sobre a dimensão do que significava a ANPEd participar desses fóruns mais amplos como entidade que tem o que dizer, mas não conta com *sua* revista, com *seu* meio de garantir que *sua* posição seja mais perene, dado que, além da manifestação verbal, com a revista haveria o *registro* dos posicionamentos da associação:

Isso foi particularmente mais grave [a falta de uma revista], porque naquele momento, na gestão, eu acho, do Ennio Candotti na SBPC, se formou um Conselho Científico de Associações. Eu fui a representante da ANPEd nesse conselho que chegou até a ter contatos com o Governo Collor, um pouco antes do *impeachment*, para fazer demandas das ciências. E era um momento importante porque cada um do conselho falava da *sua* entidade, falava por ela, e precisava mostrar *densidade do estatuto científico dessa associação*. Eu estava junto da Associação Brasileira de Química, de Genética, quer dizer, e aí qual é *sua* associação? É um fórum de pessoas que só discute de vez em quando, ou ela existe de fato? Não tinha sede... Então, era uma conjuntura interessante, acho que era desafiadora; nos obrigou, mesmo depois de sair da diretoria, a pensar: “*Bom, agora eu vou me dedicar à revista*”. Não foi um trabalho fácil. (Ênfase da entrevistada)

Novamente é Campos (2012) quem traz uma contribuição no intuito de perceber-se a visibilidade da associação, pela mediação da sua revista, relacionando-a com reuniões de outras associações:

Aí você abre o jornal e, quando se tem a reunião da ANPOCS, sai um monte de coisa nos principais jornais do país, e, quando acontece a reunião da ANPEd, não sai uma linha. Isto mostra a falta de visibilidade. Eu acho que é alguma coisa que historicamente aconteceu e que fez nossa área ter um certo desprestígio. E o fato de a nossa associação não ter a sua revista, já naquela época, era alguma

coisa que chamava a atenção porque todas as associações tinham a sua revista. Quer dizer, eu não sou capaz de dizer que todas tinham a sua revista, mas com certeza tinham várias publicações. Então, eu acho que também esse fato de você dizer: “*Ab, agora a ANPEd também tem a sua revista...*”. Nós também temos a nossa revista, a nossa reunião tem um rigor também para se apresentar trabalho, nós também chamamos pessoas de fora do Brasil, eu acho que também tem a ver com essa afirmação da nossa área de educação na comunidade científica em geral. (Ênfase da entrevistada)

Se, nas palavras de Campos (2012), a *RBE* era o meio de sair de um ambiente fechado, de abrir-se para a sociedade, deve-se ressaltar que, não somente no entorno, mas para além dele, a questão da internacionalização³¹ da associação é um assunto presente em discussões e em seus documentos, em textos de autoria, desde a sua criação. A entrevistada assim explicita essa questão da internacionalização, seja da ANPEd, seja da *RBE*:

E o Neidson, ele tinha, na sua plataforma para a gestão da ANPEd, principalmente duas direções que ele queria muito incentivar. Uma era o que ele, na época, chamava de internacionalização, ou seja, incrementar o diálogo entre a comunidade de pesquisa de educação brasileira e outras comunidades de pesquisa de outros países. Na época, ele achava que era importante esse incentivo. Incentivar a vinda de pesquisadores de outros países para a reunião da ANPEd, incentivar a troca de experiências de pesquisa etc. A outra frente que ele queria avançar era justamente o velho sonho da revista da ANPEd...

Perguntado sobre a questão da visibilidade internacional, seja da associação, seja da *RBE*, Ferraro (2012) esclarece que essa abertura foi uma “*sacada*” do grupo de Minas, uma vez que, nas gestões presididas por ele, a preocupação foi estabelecer um diálogo maior da ANPEd com outras áreas, dado o isolamento que se vivia no interior da própria área de ciências humanas e também das sociais. Afirma que o que se conseguiu então foi um “alargamento, mas dentro do próprio país”. Foi daí que o passo adiante foi dado:

O grupo de Minas pega com o Neidson [e] vão para o campo internacional porque eu acho que sentiram, perceberam isso. Eu acho que foi, vamos dizer assim, uma *sacada* muito interessante, e eu acho que não se deve esquecer isso. Agora, *tem um problema na internacionalização*, que uma coisa é internacionalizar no campo das exatas e outra no campo das humanas. *Não é fácil você escrever um texto sobre educação aqui no Rio Grande do Sul ou lá em Cacimbinha, e imaginar que vai publicar na British Journal of Sociology of Education ou numa*

31 Na mesma direção, reforça Haddad (2012): “Queríamos também a contribuição de pesquisadores internacionais, parte deles somados ao Conselho Editorial desde o seu número zero”.

revista internacional, nos Estados Unidos ou coisa assim. Não é a mesma coisa mandar um estudo de física, de química, de biologia e um estudo de educação. É mais complicado. (Ênfase do entrevistado)

Ao ser perguntado se a questão da internacionalização respondia mais a uma indução da CAPES ou a um protagonismo da ANPEd/*RBE*, Fávero (2012) também concorda que com a gestão do Neidson essa preocupação ganhou uma primazia que não desfrutava antes e, embora tenha respondido que a busca de visibilidade internacional resultou tanto da indução da CAPES quanto do protagonismo da ANPEd, afirma, como outros entrevistados, que a *RBE* precedeu a CAPES nesse quesito. Fávero afirma lembrar-se do

[...] Neidson Rodrigues propondo para a gente fazer pelo menos um número em inglês. A gente reagiu muito ao número em inglês. “Então vamos fazer um número em espanhol para a América Latina”. Desde o começo o Neidson tinha isso muito forte, no período que ele estava trabalhando com uma boa revista de divulgação lá em Minas Gerais [...] ele tinha essa postura, ele tinha desde o começo, e ela foi muito induzida por exigência do financiamento do CNPq e reforçada pela questão do SciELO [...]. Você sempre teve nos financiamentos do CNPq, no começo pouco explícitas, mas depois bem explícitas, duas ideias fortes: uma, que os artigos resultassem de pesquisa, e, outra, que se contasse com contribuições internacionais. Então, isso era induzido. Mas não era um induzido que... a gente não estava contra, então, entrou na linha sem problema nenhum. O SciELO radicalizou [...], nos obrigou a investir na qualidade, nessa diversificação forte, mais artigos de pesquisa do que ensaios, o que é problemático porque o que vem da RA é muito ensaio, pouca coisa de pesquisa. O CNPq está exigindo 70% quase, e a revista, nos últimos números, está muito em cima dos ensaios [...] Então, você tem razão, isso foi uma tendência, uma proposta inicial da revista, e foi uma exigência do CNPq induzida, que convergiu, colocou, e foi nesse momento que a gente investiu mais na qualidade pelo SciELO.

Os entrevistados e depoentes que se manifestaram sobre esse assunto foram unânimes que a preocupação com a internacionalização é uma questão que está presente desde os primeiros números da *RBE*. Ao analisar o conteúdo dos Editoriais dos 50 números da revista, isso fica evidenciado. E os entrevistados, conforme dito aqui, convergiram no sentido de que, nesse aspecto, a ANPEd e um dos seus veículos privilegiados de publicização – a *RBE* – teriam se antecipado à CAPES no quesito de induzir os PPGEs e os periódicos a situarem-se nesse patamar de intercâmbio. O primeiro presidente da ANPEd, em entrevista a Pimentel (2007), reforça que o intercâmbio internacional foi um dos aspectos que veio ganhando espaço: “...ampliou-se a rede de contatos de nossos pesquisadores com colegas de outros países” (Velloso, 2007, p. 10).

Mas, ao mesmo tempo em que houve um movimento de procurar, de abrir-se para intercâmbios, ampliar redes com colegas no exterior, a preocupação com o

rigor na análise daquilo que se publicava na *RBE* foi induzindo a que se ampliasse o Conselho Editorial da revista e houvesse a preocupação de acionar os melhores pareceristas *ad hoc* para cada artigo/assunto. Sposito (2012) assim se manifesta:

Acho que outra coisa que a gente fez pioneiramente – agora está na moda! – que nós achávamos que a revista precisaria ter permanentemente uma contribuição internacional. Naquele momento nós pensávamos e conseguíamos assegurar que tivesse uma tradução, por exemplo, de um texto internacional de pesquisadores renomados, considerados. Ou seja, se nós não dialogássemos com o melhor da pesquisa também no exterior, e de alguma forma pudéssemos traduzir isso... você imagine 1995, são quase 20 anos, não é?! Nós não tínhamos as facilidades que temos hoje de acesso ao material internacional. A revista teve essa missão de abrir o espaço, não só no Conselho Editorial,³² para nomes internacionais, mas também para traduzir textos que pudessem ser inseminadores de novas ideias, de novas formas de fazer pesquisa. A gente sempre deu muita atenção para essa contribuição internacional, valorizando isso que hoje estão chamando de internacionalização, mas a gente já há quase 20 anos tinha essa preocupação.

Outra questão relacionada à visibilidade e maior exposição da *RBE*, sem dúvida, refere-se aos indexadores, mas particularmente à aceitação de a revista passar a ter acesso aberto via SciELO. Campos relata que “no início o SciELO fez uma espécie de chamada para as revistas, para convencê-las a darem os seus arquivos para eles colocarem, disponibilizarem na internet”. Informa, contudo, que naquele momento, início dos anos 2000, esse convite gerou muitas dúvidas e discussões, uma vez que a “gente não estava acostumada com essa ideia na época. Deu um medo: ‘Mas será que alguém vai assinar? Será que a gente vai continuar a ter assinante, se a pessoa pode pegar de graça na internet?’”. E foi exatamente por causa dessas hesitações que a *RBE* não entrou na primeira chamada do SciELO, que a Biblioteca de Referência da Área de Saúde (BIREME) fez. Quando, enfim, houve a decisão de entrar, a situação complicou-se, uma vez que os obstáculos interpostos foram muitos, com pareceres negativos, “sem nenhum fundamento”, por parte do SciELO, de tal forma que foram muitas idas e vindas até que a *RBE* fosse aceita. Porém, “acho que levou uns três anos para conseguir colocar a *RBE* no SciELO”.

Hoje já não há mais aqueles medos “primitivos”, uma vez que os dados de consulta (Fávero; Barreiros, 2007) mostram que quanto mais exposição, mais di-

32 Conforme Sposito (2012), “Se é uma pesquisa sobre Vygotsky, vou procurar um avaliador que entenda de Vygotsky, não vou procurar um Piagetiano [...], enfim, a gente procurou sempre que os pareceres fossem rigorosamente dados pelos pares, aqueles que pesquisam a mesma temática, com algumas afinidades teóricas que possam avaliar bem, com essa questão da internacionalização”.

vulgação e até o próprio número de assinaturas aumenta,³³ evidenciando não haver uma relação de excludência entre impressão em papel e disponibilidade no espaço virtual. E as vantagens não param aí: o número de acessos,³⁴ o fator de impacto, enfim, torna-se possível saber quais artigos, autores, assuntos etc. são mais procurados.

Concluindo, como ressalta Frigotto (2012), “a *Revista Brasileira de Educação*, ao longo de sua década e meia de existência, se afirmou como uma referência do pensamento educacional brasileiro e internacional, mormente Latino-Americano”.

A LUTA PELA CONTINUIDADE, GARANTIA DA PERIODICIDADE

[...] e damos um duro danado para manter a periodicidade.

FÁVERO, 2012

Quando Ferraro (2012) fala com entusiasmo da criação da *RBE*, retoma-se a *ideia* presente em uma questão que lhe tinha sido feita: diante da concretização da revista, “*estariamos autorizados a falar que a ideia, o sonho marcaram um encontro com a materialidade?*”. Sua manifestação foi de concordância, porém alertou sobre a importância de se pensar na afirmação da revista, na sua expansão, na sua continuidade, e que esta fica mais assegurada quando pessoas comprometidas se mantêm ou são sucedidas na gestão por outras com pensamentos e compromissos convergentes.

Sim, porque são as mesmas pessoas, só em cargos diferentes. O Neidson, depois a Maria Malta, que era sua vice-presidente e assume a presidência; e a Márcia, também vice-presidente do Neidson, assume a presidência. *Então há uma continuidade* e eu acho que isso foi *fundamental para consolidar*, porque o problema não é lançar [a revista], é garantir a continuidade. (Ênfase do entrevistado)

Por seu turno, Frigotto (2012) afirma que, certamente, uma das razões que levaram à postergação de criar a *RBE* “relaciona-se à dificuldade não de criar, mas de manter uma revista de qualidade. Isso implicaria uma equipe que se dedicasse

33 Outro fator da expansão da *RBE*, segundo Fávero (2012), foi a coedição com a editora Autores Associados, uma vez que isso propiciou a entrada da revista no circuito comercial.

34 Nesse aspecto dos acessos, Fávero (2012) destaca uma peculiaridade interessante ao tratar da maior procura internacional pela *RBE*. Segundo o entrevistado, a seção mais consultada na Espanha é a das resenhas. E complementa: “Nossas resenhas! E aí a gente começou a investir muito nas resenhas. Recebia um livro bom e pedia para fazer aquelas resenhas maiores que fugiam um pouco da norma, mas o livro merecia. Impressionante o número de consultas, o que é normal porque ele quer saber o que se publica no Brasil e ele vai ver na resenha”. Sposito (2012), por sua vez, apresenta outra nuance relacionada a essa questão das resenhas, uma preocupação, segundo ela, presente desde os números iniciais da *RBE*: “a gente valorizou as resenhas, desde o início, e pelas resenhas a gente também tentava fazer com que alunos da pós-graduação fossem os responsáveis por elas, ou seja, de algum jeito a gente também investiu para que esses alunos pudessem começar a experimentar a ideia de produzir uma análise e publicá-la”.

de forma contínua, com tempo disponível, e uma base de recursos financeiros, que para sua continuidade é crucial”.

Pelo olhar de Campos (2012), a questão desenha-se desta forma:

E daí justamente foi a transição, quando assumi a presidência da associação com a nova diretoria. Então, digamos, eu era a pessoa que estava na diretoria anterior [do Neidson como presidente], porque eu era uma das vice-presidentes, e que continuei como presidente. Então, digamos que eu era a pessoa que *tinha os fios que vinham de antes e que continuavam depois*. (Ênfase da entrevistada)

Ao pensar na continuidade, na garantia da periodicidade, contudo, é imprescindível que se tenha presente também aquele tijolo que se refere à sustentabilidade financeira para poder cumprir as exigências em termos de manter a periodicidade. E nesse aspecto foram decisivas as negociações entre Neidson e a Fundação Ford, que subsidiou os primeiros números.

Garantida a sustentação financeira e contando com uma infraestrutura mínima, foi preciso pensar na captação de artigos qualificados ou qualificáveis para garantir o fluxo e contar com disponibilidade de textos para serem analisados e, se aceitos, publicados. Sobre isso, Campos (2012) relata um episódio dos anos iniciais da *RBE* que pode ser considerado pitoresco:

Mas aí acontecia que a gente falava: “Oba, vem o Enguita, temos um artigo para publicar, legal, levanta aquele número da *RBE*”. E daí quando chegava na conferência, na porta da conferência, estava todo o pessoal das outras revistas querendo o texto, entendeu? Havia uma disputa entre as revistas para conseguir os textos da ANPEd.

E ela fala algo que poderia ser repetido hoje sem correr-se o risco de estar falando de episódios que se situavam somente no passado: de forma mais ou menos explícita, continua havendo um beneficiamento por parte de todas as revistas, tendo na RA e em outras reuniões da associação uma espécie de âncora magnetizadora de autores e textos. Ao referir-se a esse aspecto, Fávero (2012), embora concordando que há esse “assédio” no decorrer das RAs, acha que este é um dos papéis pedagógicos, educativos, tanto da RA, ao exigir textos para apresentação dentro de um certo enquadramento, quanto da própria *RBE*, ao não abrir mão de artigos de qualidade.³⁵ Nesse aspecto, por sinal, a associação e a revista precederam a CAPES, em termos de critérios de exigência.

Campos (2012), ainda se referindo a essa situação da busca de artigos, explícita a necessidade de continuar insistindo, por exemplo, com os coordenadores de

35 Contudo, Campos (2012) ressalta que isso não se processou sem tensões: “A gente teve alguns embates”, particularmente com coordenadores de GTs, uma vez que inicialmente pensavam que o fato de solicitar o texto, significava *ipso facto* que seria publicado. E, obviamente, “isso gerava tensões”.

GTs, no sentido de que “a ANPEd tem que ter precedência para esses *papers* [dos convidados, dos trabalhos apresentados etc.]. Não significa que nós temos obrigação de publicar todos os *papers*. Pode ser que tenha algum *paper* lá que não interesse naquele [número] que a revista esteja publicando, ou que não seja tão bom, ou que já foi repetido ou coisa do tipo”. E, recordando-se dos passos iniciais da *RBE*, afirma: “a gente tinha todo esse trabalho para garantir, digamos, o patrimônio da revista. E isso eu acho que foi alguma coisa muito importante que depois acabou virando uma norma. Não sei como está hoje, mas durante muito tempo eu acho que funcionou assim”.

Quem se manifesta fortemente a respeito da batalha para manter a periodicidade e inclusive dá preciosas pistas para garanti-la é Fávero (2012). Inicialmente descreve a luta para manter a periodicidade no que diz respeito aos prazos e às estratégias utilizadas para captar artigos – particularmente nos GTs –, para conseguir bons pareceristas. Conforme o entrevistado:

Aí a gente começou a dividir-se entre nós para circular pelos GTs e ver trabalhos bons que o GT não tinha indicado [...]. E a gente pegou alguns pareceristas mais fiéis para ajudar a gente nisso, não me lembro quem, mas tinha várias pessoas: “Olha, aquele trabalho foi muito bom no meu grupo, e tal”. Foi a primeira sistematização que a gente fez. De onde vêm os trabalhos? Tinha essas três fontes bem marcadas, e um pouco desdobrou daí a fonte de você *estar alerta para pegar trabalhos internacionais*. E aí era só o cuidado de quem vinha para a RA. Não vinha tanta gente naquele período, não, vinham relativamente mais portugueses e alguns da América Latina. Mas com os franceses, por exemplo, começaram a vir muitos para falar nos programas, para cursos. Eu me lembro que a gente já sabia quando o cara vinha e já pedia o trabalho para ele. Então, praticamente a gente organizou isso e *damos um duro danado para manter a periodicidade*. Aí que entra aquele número especial, porque a editora nos disse: “Para vocês manterem a periodicidade, você não consegue fazer um número por vez, *você tem que fazer dois números simultaneamente*”. Daí a chance era fazer um número especial que não foi um número muito bom, não, mas teve essa vantagem que zerou os atrasos, estabilizou os atrasos. (Ênfase do entrevistado)

A RELAÇÃO ASSOCIAÇÃO-DIRETORIA-RBE

*A revista de uma associação científica
reflete, de uma forma ou outra,
a vida da associação.*

Do Editorial da *RBE*, n. 17, 2001

Embora esteja se tratando da *RBE*, pensa-se não ser possível apreendê-la isoladamente em relação às outras frentes e instâncias da ANPEd. Ela foi criada, constituída pela diretoria; porém, sua condição constituinte no seu espaço de

abrangência vai emergindo com o tempo. É nesse aspecto que os entrevistados vão tecendo suas considerações sobre essa relação, ressaltando particularidades, em termos de diferenças entre uma fase inicial, que pode ser considerada heroica, e o período subsequente em que, gradativamente, a revista vai ficando relativamente mais autônoma da diretoria e de outras instâncias da associação.

É nessa forma dos primeiros passos para se criar e afirmar a *RBE* que ficam mais claras questões que em outros momentos vão manifestar-se de formas diversas, como acerca de quanto a relação entre associação, diretoria, revista e associados era mais fluída ou pouco delimitada. Isso porque eram poucas as pessoas³⁶ que compunham esse coletivo, fazendo com que, muitas vezes, uma mesma pessoa ocupasse mais de uma função que hoje nem se imagina que poderiam ser executadas por alguém da diretoria.³⁷ A esse respeito, Sposito (2012) reagiu com a seguinte manifestação, ao ser lembrada do fato de Maria Malta ter assumido, ao mesmo tempo, a presidência da ANPEd e a função de editora da *RBE*: “Ela conseguiu reunir essas duas coisas milagrosamente”.

Ferraro (2012) também se posiciona a respeito dessa questão que se relaciona a uma maior fluidez nas relações entre a diretoria e a *RBE*, destacando considerar compreensível isso em razão de circunstâncias daquele momento.

Veja aqui [mostra o exemplar]: *Revista Brasileira de Educação*, número 1, 1996, portanto já da gestão Maria Malta. Vamos ver quem são os editores responsáveis: Sérgio Haddad, Maria Malta Campos e Marília Pontes Sposito. A *presidente da ANPEd é também a editora responsável!* É compreensível, porque era a maneira de garantir que a revista acontecesse. Hoje você não vai achar o/a presidente da ANPEd no conselho editorial. Mas, no início era perfeitamente compreensível... [era] necessário para garantir que realmente acontecesse a revista. (Ênfase do entrevistado)

Na sequência, ele aprofunda sua análise procurando explicitar e justificar essa diferença entre uma relação mais próxima, sobreposta até, no período em que foram organizados e publicados os primeiros números da *RBE*, em comparação com a situação atual:

36 Basta lembrar que desde as reuniões de criação da ANPEd e inúmeras reuniões por outros motivos e as próprias RAs não chegavam a juntar mais que 50 a 80 anpedianos, diferentemente dos contingentes recentes.

37 Hoje seria inimaginável pensar na seguinte cena, narrada por Campos (2012): “A gente meio que dividiu os trabalhos entre os vice-presidentes na época. Eu me lembro de que na primeira reunião que o Neidson coordenou, que ainda era muito informal a forma como a gente lidava com aquelas reuniões, quem foi no balcão para fazer a inscrição das pessoas foi o Gaudêncio. Ele acordou cedo e ficou naquela escrivaninha, lá no Hotel Glória, atendendo as pessoas, porque era uma fila enorme e não tinha funcionário para fazer isso”.

[...] a relação diretoria-revista deve ter sido muito mais estreita no início do que hoje, quando você já tem uma história, quando a revista já está construída. [...] Mas no começo eu imagino que tinha que buscar recursos... Quer dizer, não é só fazer a revista, é financiar também, não é?! Tudo isso, eu acho que deve ter exigido muito mais da diretoria, e o que eu sei lá da turma de Minas, quando fala disso, é que não foi fácil, inclusive conseguir os recursos para fazer o primeiro número e divulgar.

Mas a questão do financiamento era uma das facetas a exigir uma relação mais de dependência entre as instâncias. Outra questão dizia respeito à afirmação da identidade da *RBE* e aos cuidados com o rigor de qualidade, de formalização, de padronização, aspectos que vinham sendo tratados também no tocante aos trabalhos encaminhados para publicação na *RBE*. Nesse sentido, Campos (2012) atribui muitos méritos à Rita Amélia, secretária-geral na gestão presidida por Neidson Rodrigues (1993-1995), por ter sido ela que recorrentemente se manifestava sobre os cuidados para que a revista não fosse endógena, que tivesse garantida sua autonomia. E, mais, a depoente recorda de argumentos como este:

“Espera um pouco: uma revista tem que ter a sua independência, tem que ter os seus critérios, tem que ter regras, tem que ter uma comissão editorial independente da diretoria da ANPEd, tem que ter pareceristas independentes da comissão científica da ANPEd”. Essas primeiras ideias, essa primeira noção de que a revista tinha que ter a sua autonomia. Eu me lembro das reuniões, e dos alertas da Rita Amélia.

Fávero (2012), por sua vez, instado a manifestar-se a respeito dessa questão, explicita que o “editor é um cargo de confiança da diretoria, uma tarefa de confiança da diretoria”. E considera que confiar não significa deixar de “dar palpites, sugestões”. Na sequência nomina as presidências da ANPEd com as quais trabalhou como editor da *RBE*, diferenciando a postura em termos de confiar mais ou menos no seu trabalho de editor e as consequências disso no dia a dia de compor a revista. E complementa:

Com a diretoria é uma posição de plena confiança, o que significa que é um diálogo, mas não precisa ser com a diretoria toda [...]. Então, para mim é isso, a relação fundamental é: a diretoria encarrega uma pessoa de fazer isso e é um cargo de confiança, e você tem que manter um diálogo. Para ser retrato da associação, primeiro eu acho que ela [a revista] tem que estar bem próxima da produção que circula pela RA, o que não significa aquela exigência exagerada do CC, que acha que o parecer que vem de lá deveria ser suficiente para o texto ser publicado. É muito diferente você ter um artigo que está bom para ser apresentado e discutido, e na verdade às vezes é apresentado e não é discutido, o que é ruim. [...] Mas muitos dos artigos são só apresentados e não estão prontos para serem publicados; não estão prontos para vir para a revista.

Fávero (2012) volta a falar da figura do editor ao abordar a questão da relação *RBE*-diretoria, afirmando que este é “fundamental para uma revista”, tem de ser profissional, entender do assunto e, como é um “cargo de confiança”, tem de contar efetivamente com a confiança da diretoria. E, ao mesmo tempo que tem de ter a “cola” com a diretoria, com a RA [...], [tem de] “ter esse *feeling* que extrapola, digamos, a RA, que extrapola o comunicado oficial da diretoria, mas que é produção da área, produção de educação. Acho que ela [a revista] tem que refletir um pouco a vida da associação, mas tendo essa sensibilidade de procurar coisas que não aparecem oficialmente”.

Continuando a tratar dessa relação associação-diretoria-*RBE*, levantou-se a questão de que, verificando os números iniciais da revista, não há muitos artigos que tratam da LDB, da Constituinte e de outras questões macro, em um período de efervescência social e política, como foi a década de 1990. Campos (2012) revela que “houve uma dedicação maior a discutir, a tentar evitar a desconstrução por parte de FHC do que o congresso constituinte havia feito”. Porém, seja como autocrítica, seja como justificativa, complementa:

É, mas eu acho que não aparece na revista por conta inclusive daquela ênfase que foi dada à *RBE*, no sentido de ter uma cara mais acadêmica, a *ter mais autonomia em relação àquilo que estava acontecendo na associação*. Então, talvez esse seja o lado negativo. Talvez a gente possa dizer assim, olhando para trás, que na ânsia de fazer alguma coisa muito rigorosa do ponto de vista acadêmico, se tenha deixado de registrar alguma coisa que poderia estar em alguma seção da revista. Tanto é que no momento seguinte, que foi o momento de discussão do Plano Nacional de Educação e também o momento da discussão dos Parâmetros Curriculares, e depois dos Referenciais Curriculares, você vai ver isso registrado na revista [...]. Mas eu acho que houve isso sim, de você ter uma preocupação muito grande de manter a independência da revista..., de a *RBE* ter um rigor acadêmico, de estar apontando novos caminhos do ponto de vista acadêmico e de não ter tanto espaço assim para essa, digamos assim, essa crônica.

Haddad (2012), por sua vez, fala da preocupação de atuar, como responsável pela revista, em uma perspectiva convergente com a visão da diretoria da associação. Conforme suas palavras,

[...] nós, como editores da *RBE*, procurávamos realizar nossa missão em sintonia com a diretoria. Afinal, só poderíamos constituir uma boa revista acadêmica se ela fosse reflexo da qualidade da pesquisa científica que a associação estimulava a partir das suas RAs. Só teríamos bons artigos se tivéssemos boas pesquisas reveladas e debatidas nos nossos encontros, fossem eles as RAs, os encontros regionais, os intercâmbios científicos.

Porém, tanto Campos (2012) quanto Ferraro (2012) falam da importância da relação da RA no sentido de uma troca no que diz respeito aos trabalhos apresentados nas reuniões ganharem abrigo na *RBE*, não como algo “colado”, mas

como um vínculo de contribuições, de trocas mútuas. Ambos concordam que essa situação está mais clara, tranquila, hoje. Porém, diz Campos (2012), “logo que foi lançada a *RBE*, o nosso cuidado era justamente o contrário: era preservar um pouco a revista daquela coisa muito endógena, muito interna, muito doméstica da ANPEd. [Visava-se] dar uma cara mais pública para a *RBE*, não é?! Então, o nosso cuidado era justo o oposto”.

Depois de ressaltar a importância da autonomia da *RBE* em relação à diretoria da ANPEd e da necessidade de haver liberdade para um constante “recriar a *RBE*”, Fávero (2012) reconhece que, de certa forma, a “*RBE* reproduz a vida da associação”. E faz isso, em primeiro lugar,

[...] enquanto ela tem bons subsídios de trabalhos que vêm da RA da ANPEd, [...] não só dos nacionais, mas dos estrangeiros, embora nem todos os convidados ainda façam isso; segundo, ela é o veículo de você disseminar os pronunciamentos formais e oficiais da ANPEd, como documentos; sem dúvida nenhuma, isso acho importante.

Porém, em um terceiro aspecto, acha que a *RBE* poderia ampliar a contribuição com a associação se esta se abrisse mais para outras instituições e entidades, como a Conferência Nacional de Educação (CONAE), por exemplo, tornando a *RBE* um veículo mais aberto para o que está ocorrendo em torno ou próximo da associação, na área e congêneres.

SOBRE O FORMATO DA *RBE*

Varietas delectat (A variedade deleita).

Cícero, citado por CURY, 2012

*O que eu acho é que a gente
não pode fazer essas mudanças inocentemente,
porque a materialidade forma a identidade também.*

SPOSITO, 2012

Uma análise física do aspecto externo e interno da *RBE* vai revelar que, no que diz respeito à organização interna, à diagramação, à editoração, à impressão etc., ela foi mantida praticamente inalterada do número zero ao número 45. Revela também que, do número 46 ao 49, a revista foi submetida a mudanças significativas no que diz respeito à composição, diagramação, editoração e impressão, entre as quais se destacam o tipo de letra, o espaçamento, o número de colunas de texto por página etc. Quanto ao formato, do número zero ao 49 podem-se distinguir três mudanças, sendo duas de pouca monta e a terceira que representa uma diferenciação bastante significativa, seja no aspecto externo, seja no seu formato como um todo.

Destacam-se, no primeiro bloco, o formato padrão da capa originalmente concebido, mantido inalterado do número zero ao 13, com o nome da revista espalhado, cobrindo toda a capa, somado a informações referenciais bibliográficas e com o fundo branco;³⁸ do número 14 ao 45, com exceção dos números especiais,³⁹ manteve-se a mesma capa, acrescida de fotografias de fundo, “estouradas na página inteira”. Fávero (2012) revela, em relação às fotografias, que “tinha um cuidado especial de tentar achar foto colando, de preferência, com o primeiro artigo”, considerado o “artigo de fundo”. Nos números especiais, foram inseridas mudanças em virtude do assunto abordado, sem, contudo, descaracterizar em demasia o formato padrão desde o número 14 ao 45, quando se passou a inserir a fotografia de fundo. Uma experiência fugaz foi iniciada com o número 44,⁴⁰ até o número 46, quando se buscou manter o padrão da capa, porém com a inserção de fotografias relacionadas a monumentos (Balneário de Caxambu, TUCA - Teatro da Universidade Católica de São Paulo) e outra capa com uma fotografia de fundo mostrando participantes da segunda reunião da ANPEd, realizada em Curitiba (PR), em 1978. Objetivava-se fazer da capa um espaço para o resgate de fatos, episódios, monumentos, documentos ou registros fotográficos históricos relacionados à associação ou à RA. Esse

38 Uma das manifestações de Fávero (2012), sobre essa questão das capas e da introdução da primeira mudança, dá conta do que segue: “Eu me lembro, eu não gostava da capa da revista, era muito branca, identificava pouco essa mudança de coisa e tal. Quando a gente foi discutir a número 13, a Marília disse: ‘Agora a gente tentou fazer no número especial uma capa diferente, botamos umas fotografias, mas ficou meio feinha. Vê se você consegue pensar uma capa mais bonita para esses números especiais’. Eu disse: ‘Ah, isso é fácil, é só pegar umas fotografias bonitas e estourar na página inteira’. Ao mesmo tempo, a Érica (da Editora Autores Associados) disse: ‘Professor, você não quer deixar comigo. Eu tenho uma fotografia boa para a capa’. E foi assim, eu não precisei pedir para ela”.

39 Os números especiais/dossiês foram ao todo oito, sendo que o primeiro abrangeu os números 5 e 6, no ano de 1997, focalizando a temática “Juventude e contemporaneidade”; o segundo contemplou os números 14 e 15, no ano de 2000, dedicados: o primeiro aos “500 anos de educação escolar”, e o segundo aos “500 anos: imagens e vozes da educação”; o número 23, de 2003, abordou a questão da “Cultura, culturas e educação”; o número 30, de 2005, foi dedicado aos “40 anos da pós-graduação em educação”; o número 36, de 2007, comemorativo dos “30 anos de criação da ANPEd” e, finalmente, estamos com este número 50, de 2012, focalizando os “50 números da *Revista Brasileira de Educação*”. A respeito dos “números especiais” ou “dossiês”, Osmar Fávero tece interessantes comentários que vale a pena conhecer e que estão integralmente na entrevista concedida. Aqui são apontados fragmentos: “Eu acho que número especial é exceção [...]. Então eu acho mais interessante manter isso como exceção, eventual, essas efemérides bonitas, e usar quando você tem carência do tema”. Mas, ao mesmo tempo, considera que alguns “são obrigatórios”, acrescentando este dos 50 anos da *RBE*, juntamente com os citados anteriormente. Suplementarmente, em Fávero e Barreiros (2007, p. 5) está informado que “do número 14 foi feita uma segunda edição, de 2.500 exemplares, quase integralmente adquirida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para distribuição às escolas da rede”.

40 Esse, inclusive, foi o primeiro número da *RBE* feito pelo Sistema de Editoração Eletrônica do SciELO.

aspecto se evidenciou mais difícil do que se imaginava inicialmente. A partir do número 46, houve uma mudança radical no formato, com a redução do tamanho da revista, ampliação do número de páginas, e do número 47 em diante manteve-se esse formato, contudo a capa passou a ser padronizada, com a troca apenas de tonalidades da cor a cada ano (três números) e com pequenas mudanças nas cores da faixa central da capa.

Feita essa descrição, passa-se a reproduzir alguns comentários e excertos dos entrevistados e depoentes a respeito das mudanças de forma e conteúdo pelas quais a *RBE* veio passando. Cury (2012) destaca, em seu depoimento: “Recentemente o *layout* da *Revista Brasileira de Educação* ganhou outro perfil. Trata-se do número 46. *Varietas delectat*, diz o adágio de Cícero provindo de Eurípedes, ou, como preferem os ingleses, a variedade é o aroma da vida”.

Além de se referir à mudança do perfil, ele faz um comentário sobre o conteúdo, nos seguintes termos:

Nada de alterar o rigor na avaliação dos trabalhos submetidos, nem tão pouco em deixar de estar atenta aos avanços do conhecimento na área, com colaboradores nacionais e do exterior. E continua trazendo, como dantes, um prazer estético em suas capas. E permanece com o mais alto conceito dentro dos critérios rígidos da avaliação.

Essa alteração de forma, entretantes, não é novidade.

Sposito (2012) emite sua opinião, colocando-se em outro ponto de vista do expresso por Cury. A manifestação deste – por resultar de depoimento escrito – pode ser considerada mais estática, no sentido de que um depoimento não é entrecortado por questões, interrupções, solicitações de outras nuances da pergunta/resposta por parte do entrevistador. A resposta de Sposito (2012), por ser em forma de entrevista, embora virtual, permitiu interações. Sua primeira manifestação:

A gente é um pouco suspeito, porque somos da velha geração. Por exemplo, a revista *Novos Estudos* do CEBRAP mudou num determinado momento. Mudou o seu formato e ganhou um formato com o qual vem lidando nos últimos 20 anos. *O que eu acho é que a gente não pode fazer essas mudanças inocentemente, porque a materialidade forma a identidade também.* Então eu acho que a gente precisa cuidar quando muda, porque você pode, digamos assim, perder a identidade. A *Revista da Faculdade de Educação* [da USP] mudou radicalmente nessa nova fase, mas mudou para melhor, sem a menor dúvida. E eu não sei se nós [*RBE*] mudamos para melhor. Eu não sei se nós não podíamos, já que é para mudar, fazer uma coisa mais arrojada. Eu não sei se a solução ainda não foi meio conservadora. Tenho dúvidas. Não faço críticas aos colegas. Eu nem acompanhei o debate do porquê da mudança, quais foram as razões, isso eu realmente não acompanhei, embora seja associada. Mas eu não sei, eu acho que a gente não foi mais ousada na resolução gráfica, na estética... (Ênfase da entrevistada)

E, neste momento da sua fala, faz uma pequena interrupção e, ao retomar, afirma não estar “falando de conteúdo”. Porém, volta a fazer referências a aspectos que lhe causaram estranheza e as faz com a gentileza de quem sabe o que é o trabalho de fazer uma revista, portanto solidariamente, mas, ao mesmo tempo, sem fazer concessões:

Eu acho que o conteúdo está seguindo a nossa tradição: artigos interessantes, muitos temas polêmicos. Eu gosto de acompanhar quando um artigo é escrito e outro autor responde. Tem uma seção lá [refere-se a “Espaço Aberto”] que estou achando isso extremamente interessante. Quanto ao desenho gráfico, não sei se a solução foi a mais arrojada. Se é para mudar, então é para pensar lá longe e fazer uma coisa arrojada. E tem outra coisa que eu fiquei preocupada, com o carinho que eu tenho pela revista, eu achei que houve problemas de revisão: tem erros de digitação, tem umas coisinhas que eu não encontrava antes. Claro que passa, não é?! Mas dessa vez me chamou a atenção e fiquei..., não sei se vocês mudaram de editora, não faço ideia...

Ao ser informada de que não houve mudança de editora, mas a saída, do quadro da Autores Associados, da funcionária que há anos cuidava da *RBE* e de mudança de revisor, e que até se levantou a hipótese de não distribuir um dos números (o número 46) em virtude dos problemas de impressão em geral, explicitou que compreendia, mas continuou com a opinião de que uma mudança se justifica se o objetivo e o resultado são para melhorar o periódico. E conclui reafirmando seu ponto de vista e lembrando qual havia sido o modelo, a inspiração para a *RBE*.

Fiquei muito surpresa com a mudança dela. De repente a revista mudou um pouco o jeito dela, porque ela tinha até essa tradição da gente ter uma semelhança com entidades científicas altamente respeitadas nas ciências sociais brasileiras, que era a ANPOCS, e que nós queríamos alcançar um estatuto de igual respeitabilidade, que a ANPED fosse tão respeitável como a ANPOCS e como a ANPEPP, da psicologia etc.

Por sua vez, Frigotto (2012) revela o seu ponto de vista de forma diversa do já exposto. Conforme suas palavras: “O novo formato da *RBE* assume um padrão mais universal de tamanho de revista, facilitando seu manuseio e colocação em bibliotecas e acervos pessoais. Também sua apresentação ganhou em leveza visual e melhor estética”. E, como se da manipulação de um exemplar da *RBE*, visualizado externamente, passasse à organização estrutural da revista, afirma: “Parece-me pertinente a manutenção da estrutura em Artigos, Espaço Aberto, agora antecedendo a Documentos, Resenhas, Nota de Leitura, Resumos e Normas para Colaboradores”. E, particularizando uma das seções da revista, esclarece que, “de fato, o conteúdo do Espaço Aberto diz respeito a debates sobre temas que ganham controvérsia e que refletem nuances, discordâncias ou referenciais teóricos diferentes. Já os Documen-

tos tratam mais de temas ligados aos embates na disputa da direção das políticas educacionais, da pesquisa e pós-graduação em educação”.

Ao ser perguntado a respeito das mudanças (forma e conteúdo) introduzidas na *RBE*, nos últimos números, em um primeiro momento Fávero (2012) expressou sua indisposição de manifestar-se sobre esse assunto, uma vez que achava que “seria muito crítico” e que pensava que não seria “prudente responder isso agora”. Na sequência, contudo, explicitou sua opinião, com calma e franqueza: “Eu acho, pessoalmente, que a mudança de formato da revista foi um crime. Não se muda uma revista que tem 49 números, não se altera...”. Continuando seu raciocínio, fez uma retrospectiva da trajetória de pequenas mudanças que vieram sendo incorporadas à *RBE*:

A introdução da fotografia na capa, a introdução até de fotografias dentro do texto, ilustrando [...], isso eu acho que é uma evolução normal. Isso eu já te contei: [a *RBE*] era pobre como capa. Eu sei que é muito difícil você variar a cor de algumas letras: logo você está repetindo as cores [...]. Então, ao entrar a fotografia, era quase que uma evolução natural. Basta perguntar para a Marília quando a gente tentou fazer uma [capa] especial, para diferenciar o número especial. Mas qualifica a revista [...]. Então, quando eu pegava a revista, o que eu queria era fazer isso. A gente conversou isso várias vezes, que a danada da capa representasse a revista.

Na sequência, Fávero relata inúmeras experiências a respeito de tentativas e erros na confecção das capas da *RBE*, de gratificações e frustrações nesse processo.

Então você tem esse jogo, que é o jogo gostoso, que você matou na hora que você transformou em tamanho de livro, você fez uma capa padronizada que muda a cor do título, só. Acho isso uma perda. [Essa é a] primeira crítica que eu faço. Segunda: não tenho dificuldade de falar com você isso, nem de gravar, porque eu disse para a Sandra: o primeiro número eu não consegui ler. Aquele que saiu horróroso, não consegui ler. Aí é ofensa à minha habilidade. Nem com luneta eu leio aquilo, aqueles rodapés em decapê, não leio.

Sinteticamente, Sposito (2012) enumera dois pontos que em seu parecer precisam ser resgatados, particularmente nos aspectos formais, uma vez que com a mudança de formato da *RBE* foram perdidos – questão com a qual conta com a concordância da atual editora responsável e da Comissão Editorial: “Eu recomendo especialmente os cuidados técnicos com revisão e tradução. Eu acho que é, digamos, a primeira questão. A segunda refere-se ao projeto gráfico: há grandes especialistas nisso, e a gente tem que chamar o que tem de melhor”. E conclui com um enfático: “Nós merecemos!”

Finalizamos este item com a manifestação de Haddad (2012): “Nos 50 números atualizaram-se os temas e as formas, o que não mudou foi o desejo de conformar uma revista que fosse relevante e respeitada no meio acadêmico. E ele se conformou na nossa *RBE*”.

PERSPECTIVAS

*O lançamento de uma nova revista
é sempre acompanhado por
expectativas e esperanças.*

Do Editorial da *RBE*, n. 1, 1996

Seja explicitamente, seja indiretamente, todos se manifestaram a respeito daquilo que vislumbram como perspectivas da *RBE*, no que diz respeito a desafios de ordem teórica, compromissos e até sugestões pontuais, diretas, de aspectos a serem retomados ou sugestões para continuar qualificando a *RBE*.

Em termos de perspectivas, a questão central é qual o foco ou a linha editorial da revista. [...] cabe uma vigilância sem concessões à lógica e à pressão produtivista. Trata-se de evitar textos, artigos aligeirados, opinativos ou meramente descritivos. Se por um lado a revista tem que atender à diversidade e pluralidade da área, por outro necessita explicitar com clareza sua linha editorial. (Frigotto, 2012)

Sinteticamente, essa opinião converge com o alerta de Fávero (2012) no sentido de que é preciso estar atento para os ensaios, para os textos opinativos, uma vez que é compromisso da *RBE*, da associação, e é exigência dos meios de veiculação aos quais a revista está vinculada, bem como do financiamento. E o mesmo entrevistado avança, com base na sua experiência, fazendo sugestões plausíveis de implementação:

Não dá para você manter a entrada livre [de artigos] no balcão do jeito que está. Você esgota a Comissão Editorial, esgota os pareceristas para recusar 90% dos artigos. Eu acho diferente você pegar um trabalho de... isso para mim é o educativo da revista, acho diferente você pegar um trabalho que foi apresentado num GT de uma RA, que não está bom para ser publicado e você trabalhar com o fulano para ele publicar. Isso eu acho que é função da Comissão Editorial e do editor, é função da revista fazer esse trabalho educativo.

Além dessas considerações indicativas, ele acha que há condições, seja de disponibilidade de textos, seja de organização, de fazer quatro números por ano, sendo um somente eletrônico e em língua estrangeira.⁴¹ Destaque-se que essa é uma

41 Fávero (2012), em outra parte da entrevista, avança nessa questão: “agora eu acho que a gente ainda está bobeando. A gente tem chance no SciELO [...] de fazer um quarto número só virtual, e esse número pode ser feito, no original, não precisa ser traduzido em francês, inglês. Você pode até escolher bons artigos e fazer um número, por exemplo, em espanhol e inglês, ou só espanhol. Só inglês eu acho que não vai ter grande entrada, mas só espanhol teria uma boa entrada [...]. Para fechar aqueles 10 ou 12 [bloco de artigos], você dá duro para fechar, mas você podia pegar os melhores artigos e fazer um

discussão que está em estágio bastante avançado no Comitê Editorial e que poderia qualificar a *RBE* e ampliar o leque de leitores na perspectiva da internacionalização.⁴²

Frigotto (2012), por sua vez, dedica-se a apontar, em termos de perspectiva, para aspectos relacionados ao conteúdo e à linha editorial. Depois de fazer uma severa crítica ao predomínio dos aspectos quantitativos, ao produtivismo⁴³ predominante e entranhado na universidade, à submissão a uma perspectiva de mercado⁴⁴ – um dos pontos fortes do seu depoimento –, ele assim se manifesta:

Com isso, quero sublinhar que o melhor antídoto ao produtivismo é buscar demarcar, como linha editorial, artigos que busquem saturar de historicidade os conceitos e categorias de análise dos temas ou objetos pesquisados. Trata-se [...] de reforçar a socialização de estudos e pesquisas que transcendam a análise descritiva e fenomênica dos fatos para alçar às determinações, mediações e contradições que os constituem. Um movimento inverso das análises positivistas e funcionalistas, que são potentes em sinalizar disfunções e crises em todas as esferas da sociedade, mas incapazes de apreender as determinações que as produzem. Isto tem como consequência políticas e ações pragmáticas, fragmentárias, que modificam a realidade, mas para conservá-la.

No excerto que segue, Cury (2012), em poucas linhas, aborda a questão de forma e conteúdo, em perspectiva temporal. Sugere também que se amplie qualitativa e quantitativamente a disponibilização de dados, informações, reflexões, documentos etc. E, complementarmente, indica como fazer isso para que mais pessoas possam beneficiar-se de tudo o que foi, é e será o trabalho dos envolvidos, em particular com a *RBE* e em geral com a ANPEd:

Talvez possa haver um lugar no portal da ANPEd para aqueles boletins e cadernos, sob forma “escaneada”. Eles conheceram a máquina de escrever e o linotipo, o correio postal, o telegrama e o telex e o fac-símile. Com textos registrados por incansáveis datilógrafos de ontem. A *RBE* foi dada a conhecer na era do computador, do *scanner* e da rede mundial de computadores. Hoje, contemporânea do avanço tecnológico, editada por céleres digitadores, incorpora a

número a mais. Que não faça todo o ano, faça a cada dois, três anos, e aí era melhor realmente fazer em outra língua. Isso eu acho que era um ganho para a revista”.

42 Fávero e Barreiros (2007) detalham, em termos analíticos e quantitativos, o quanto a *RBE* se expandiu como meio de difusão de conhecimento.

43 Temática por sinal abordada por autores como Waters (2006), Sguissardi e Silva Júnior (2009) e Duarte Júnior (2010), entre outros, em textos paradigmáticos a respeito de um produtivismo que tem mais que ver com linha de montagem, com mercantilização que com produção e socialização do conhecimento.

44 Frigotto (2012) considera posturas e decisões marcantes, neste aspecto, do engajamento da ANPEd e da *RBE*, por exemplo, os textos de Oliveira (2001) e Chauí (2003), seja em virtude do convite para proferirem a conferência de abertura, que deve pautar as discussões da RA, seja pela publicação dos textos na revista.

si o ser um banco de dados nos seus volumes. Quantos pesquisadores, no afã de despegar os fundamentos de marcos teóricos ou de buscar apoio doutrinário ou histórico, não a veem compulsando nestes 50 números como *fonte* de investigação, como prova de uma assertiva em trabalhos conclusivos? Quantos leitores não a tiveram como apoio de afirmações ou desvanecimento de dúvidas?

Mais cedo ou mais tarde, o impresso tornar-se-á documento na ANPEd, disponível para a opção do leitor que a carregará consigo sob o modo de aplicativo na contemporaneidade dos *tablets* e similares. Uns e outros ficarão como expressão do quanto a área se consolidou e do quanto se lutou para que se pudesse celebrar, nesse número comemorativo, a excelência reconhecida.

Campos (2012), por sua vez, explicita que

[...] a revista, ela é um bom indicador do que está acontecendo com a área. Quer dizer, eu acho que é uma área que cresceu muito, se diversificou muito. Antes você pegava um número desses e os autores que estavam aqui, você conhecia pessoalmente, e aí você tem até o telefone de cada um. Hoje em dia não mais. Ainda bem [...]. Significa uma publicização, uma coisa menos limitada, muito mais democrática em termos de acesso e de expressão, e mostra a pujança que hoje nós temos no nosso campo no país, que eu acho que é muito incrível.

E, para finalizar a entrevista que concedeu, assim se manifesta, expressando o quanto lhe agradou participar deste trabalho de resgate da história da *RBE*, destacando também sua percepção da importância dessa iniciativa:

Primeiro, eu agradeço muito que você tenha vindo até mim e não eu ido até você, porque também poderia ser o contrário. E segundo, *eu acho que essa memória é muito importante*, até para reforçar um pouco isso que a gente estava conversando agora aqui no final. Nada acontece por acaso, nada é de graça, tudo resulta de muito trabalho. (Ênfase da entrevistada)

Um aspecto bastante enfatizado por Fávero (2012) e que pode ser analisado em perspectiva, visando sua concretização, refere-se à necessidade de que “o editor de uma revista tem que ser um profissional”. E, citando um especialista da área, Piotr Trzesniak, reforça que “a mudança de um editor de revista tem que ser muito bem pensada”. E faz também referência à imprescindibilidade de dedicação exclusiva a essa tarefa por parte do editor, dada a necessidade de consultar as revistas congêneres, de ficar antenado para as mudanças, as exigências dos órgãos, mas também para zelar pela qualidade do periódico. Além disso, levanta uma questão importante: a de o editor cercar-se de uma equipe. E segue:

Então, tem esse lado de você ter a figura do editor, uma figura profissional que tem que estar bem cercado, particularmente da Comissão Editorial e por esse grupo mais ampliado de pareceristas que devia ser um grupo fixo, viu? Devia

ser um número menor e fixo para você realmente dizer: “Quem dá parecer de filosofia é fulano, quem dá de história é fulano”. Talvez com um suplente...

Por fim, Fávero (2012) faz referência à importância e necessidade do Fórum de Editores, “que sempre existiu informalmente”, mas que apenas na reunião de Recife, em abril de 2012, foi formalmente fundado. Considera que cada membro desse coletivo deveria assumir o protagonismo para não “ficar olhando para o umbigo da [sua] revista”, implementando algo porque é induzido. Faz longa digressão histórica sobre as reuniões que foram feitas, as “conversas” nas RAs da ANPEd, os desencontros, as dificuldades de conciliar “ vaidades ” de editores, os interesses em graus diversos, dependendo do representante de tal ou qual periódico, de entender as necessidades e dificuldades, que parecem sem importância, daqueles que estão começando no *métier*. E reforça que é alvissareiro o fato de que se tenha criado, formalmente, o Fórum de Editores.

Ainda, no campo das sugestões passíveis de implementação, sugere que um dossiê ou número especial sobre “educação nos presídios” e “educação do campo” seria uma aposta de assunto de fronteira. Além do mais, sempre é uma boa desculpa para desestimular os “aventureiros” que, percebendo a avaliação A1 internacional, conquistada pela *RBE*, enviam muitos artigos de qualidade duvidosa, a ponto de ter ouvido de amigos pareceristas *ad hoc*: “Não me manda tanta porcaria para dar parecer!”

E para desestimular “aventureiros” que enviam artigos pela classificação da *RBE*, sugere três medidas: 1) a organização eventual de dossiês/números especiais, fato que pode ser utilizado como alibi para justificar a redução no recebimento de artigos com argumentos como: “Estamos com muita coisa, o dossiê é prioritário”; 2) em segundo lugar, considera que uma das formas de limitar o recebimento de tantos artigos para análise seria passar a exigir que, para o envio do artigo, o pretendente deveria ser sócio da ANPEd; e 3) a Comissão Editorial continuar fazendo o trabalho de análise prévia (forma e conteúdo) dos textos recebidos e somente encaminhar para pareceristas aqueles com potencial de publicação.

Sugere que, seja a partir de números especiais, como ocorreu com o número 14, seja de artigos de diferentes números da *RBE*, é possível avançar na organização de livros/coletâneas, dada a riqueza do acervo já acumulado pela revista.

Por fim, como perspectiva de trabalho futuro, acha que traria bons frutos

[...] provocar mais os GTs para dar contribuições originais e, a partir da difusão do grupo, alguém [do GT] escreve um texto por onde o grupo está andando, e publicar. Aí não vai brigar com Comitê Editorial nem nada. Eu acho que é válido você fazer aquele estado da arte do grupo, saíram vários, já saiu um do Trabalho e Educação. É um pouco na linha que eu vejo do grupo fazer o que o Gaudêncio fez: quer dizer, “o grupo está incomodado com essa temática, eu vou enfrentar essa temática teoricamente...”. Deve ter morrido para fazer aquilo! E aí vem outro e diz assim: “Eu gostaria de debater isso...”. Isso é muito rico e não dá tanto trabalho quanto fazer um número especial, não. Evidentemente dá um trabalho de você gerir isso.

CONCLUSÃO OU AGRADECIMENTO?

O que se poderia apor como conclusão em um texto escrito a tantas mãos, como este? Que pontos ou aspectos retomar, se o que se quis realçar foi exatamente que a tessitura vem sendo feita e precisa ser mantida naquilo que está trazendo frutos e continuar batalhando pela qualificação naquelas questões que precisam ser retomadas e radicalizadas? O mais adequado talvez seja um “muito obrigado” por essa bela história, que é composta de 50 números da *RBE*, ter sido escrita, impressa, publicada e ser a testemunha material de um trabalho que traz a marca do coletivo e do comprometimento. O número 50 não é um ponto de chegada. Dispõe-se em uma trajetória que muito promete em termos de sucessão de outros números, sempre com a marca do desprendimento de algumas pessoas mais, outras nem tanto, em favor do coletivo.

Por isso, este texto é dedicado à plêiade de indivíduos e grupos, aos desbravadores e àqueles que os sucederam, que estiveram presentes em todos os momentos desses 50 números e lutaram para qualificar a *RBE*. Às diretorias da ANPEd, às Comissões Editoriais, aos/às autores/as de textos, aos/às pareceristas *ad hoc*, aos GTs da associação, ao Comitê Científico e a todos/as aqueles/as que de alguma forma contribuíram e continuam na luta para garantir a perenidade da revista. A mim coube a honra e a responsabilidade de entrevistar alguns/mas dos/as pioneiros/as, dos/as visionários/as, e de colher depoimentos de outros. O que aparece aqui é uma breve e tímida amostra do que foi a riqueza dessas manifestações e o privilégio de ordená-las, na reprodução de excertos, concatená-los, visando fazer algumas análises e trazer informações que contribuam para um número da *RBE* com mais detalhes, informações e posicionamentos sobre o processo, e indicações para continuar essa trajetória de sucesso da *RBE*. Sintam-se todos copartícipes deste trabalho, que foi individual, mas nunca teria sido possível sem o coletivo ANPEd. E, a nós todos/as, os parabéns por termos chegado ao número 50 da *RBE*, e que a sequência faça jus a um passado, a uma trajetória construída com tanto altruísmo e a tantas mãos.

Se, como dizia Shakespeare, pela voz de um dos seus personagens, “o passado é prólogo”, é recomendável e será prazeroso visitar este passado para entender o presente e o que, em perspectiva, se desenha no horizonte.

Vida longa à *Revista Brasileira de Educação!*

REFERÊNCIAS

- BIANCHETTI, Lucídio. Entrevista com Juracy C. Marques: primórdios e expansão da pós-graduação *stricto sensu* em educação na região Sul. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPEd; Campinas, Autores Associados, n. 30, p. 139-150, set./dez. 2005.
- _____; FÁVERO, Osmar. Maria Julieta Costa Calazans: o papel do IESAE e da ANPEd na pós-graduação em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPEd; Campinas, Autores Associados, n. 30, p. 151-161, set./dez. 2005.

BOLETIM ANPED. Niterói: ANPED, v. 10, n. 2-3, abr./set. 1988. 88 p.

CARVALHO, José Carmelo Braz de. Origens da ANPED: de instituída a instituinte. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED; Campinas, Autores Associados, n. 17, p. 134-138, maio/ago. 2001.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED; Campinas, Autores Associados, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. The rotten papers (ou adiós que yo me voy). In: ————. *A montanha e o videogame*. Escritos sobre educação. Campinas: Papirus, 2010.

FÁVERO, Osmar; BARREIROS, Débora. A comunicação das pesquisas na área de educação: o papel da *Revista Brasileira de Educação* na difusão do conhecimento. In: PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). *Memórias da ANPED*. 30 anos. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. 1 CD-ROM.

FERRARO, Alceu Ravanello. A ANPED, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED; Campinas, Autores Associados, n. 30, p. 47-69, set./dez. 2005.

—————; SPOSITO, Marília Pontes. O desafio de um estatuto científico para a ANPED (1989-1993). In: PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). *Memórias da ANPED*. 30 anos. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. 1 CD-ROM.

FISCHER, Nilton Bueno. Comitê científico da ANPED: memórias, desafios e conquistas de uma ação construída em parcerias múltiplas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED; Campinas, Autores Associados, v. 12, n. 36, p. 410-423, set./dez. 2007.

GOERGEN, Pedro (1985). A divulgação da pesquisa educacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, INEP, v. 66, n. 153, p. 201-214.

MIRANDA, Glaura Vasques de *et al.* Tensões, decisões e ações na história da ANPED: uma conversa com um grupo de Minas. In: PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). *Memórias da ANPED*. 30 anos. Rio de Janeiro, ANPED, 2007, CD-ROM.

OLIVEIRA, Francisco de. Intelectuais, conhecimento e espaço público. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED; Campinas, Autores Associados, n. 18, p. 125-232, set./dez. 2001.

PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). *Memórias da ANPED*. 30 anos. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. 1 CD-ROM.

PUCCI, Bruno. Fórum dos Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação: apontamentos históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED; Campinas, Autores Associados, v. 12, n. 36, p. 424-443, set./dez. 2007.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Editorial. Rio de Janeiro: ANPED; n. 0, p. 3, out. 1995.

—————. Editorial. Rio de Janeiro: ANPED; n. 1, p. ?, jan./abr. 1996.

—————. Editorial. Rio de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, n. 17, p. 3, maio/ago. 2001.

_____. Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, n. 30, set./dez. 2005.

SAVIANI, Dermeval. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Orgs.). *A bússola do escrever*. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2. ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. *Trabalho intensificado nas federais*. Pós-Graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Fonte Digital: www.jahr.org. (16 –) Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/tempestade.html>>. Acesso em: 10 maio 2012.

SOUSA, Sandra Zákia; BIANCHETTI, Lucídio. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil: o protagonismo da ANPEd. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPEd; Campinas, Autores Associados, v. 12, n. 36, p. 389-409, set./dez. 2007.

VELLOSO, Jacques. ANPEd: uma percepção sobre os anos iniciais e alguns desdobramentos. In: PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). *Memórias da ANPEd*. 30 anos. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007. 1 CD-ROM.

WATERS, Lindsey. *Inimigos da esperança*. Publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ENTREVISTAS

CAMPOS, Maria Malta. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Entrevista a Lucídio Bianchetti. São Paulo, abr. 2012.

FÁVERO, Osmar. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Entrevista a Lucídio Bianchetti. Rio de Janeiro, abr. 2012.

FERRARO, Alceu Ravanello. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Entrevista a Lucídio Bianchetti. Porto Alegre, abr. 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Entrevista (via *skype*) a Lucídio Bianchetti. São Paulo, abr. 2012.

DEPOIMENTOS

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Depoimento enviado por *e-mail*. Belo Horizonte, maio 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Depoimento enviado por *e-mail*. Rio de Janeiro, maio 2012.

HADDAD, Sérgio. *Histórico da RBE*: das origens aos dias atuais. Depoimento enviado por *e-mail*. São Paulo, maio 2012.

ANEXO I

Fac-símile da carta do Haddad, enviada ao Alceu, em 5 de setembro de 1995, anunciando o número 0 da *RBE*.

**anped - Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação
Faculdade de Educação - UFMG**

Avenida Pres. Antonio Carlos, 6627 - salas 423/425
31270-901 Belo Horizonte - MG

Secretaria da Revista Brasileira de Educação	
Ação Educativa	
Av. Higienópolis, 901	01238-001 São Paulo, SP
Tel. (011) 825-5544	Fax (011) 825-7861

São Paulo, 5 de setembro de 1995.

Alceu Ravanello Ferraro
R. Rivera, 150/301 - Petrópolis
90670-160 Porto Alegre, RS

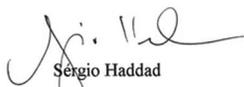
Prezado Colega,

Estamos enviando o nº 0 da *Revista Brasileira de Educação* que será distribuída na Reunião Anual da ANPED a ser realizada de 17 a 21 de setembro em Caxambu. Gostaríamos que fizesse uma leitura crítica da *Revista*.

É nossa intenção realizar um encontro do Conselho Editorial por ocasião da Reunião para avaliarmos este primeiro número e traçarmos os próximos passos.

Sem mais, enviamos cordiais saudações.

Atenciosamente,


Sérgio Haddad
p/ Comissão

SOBRE O AUTOR

LUCÍDIO BIANCHETTI é doutor em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador 1C do CNPq.
E-mail: lucidio.bianchetti@pq.cnpq.br